

NO CHÃO DO DESTINO

Márcio Catunda

1. AS VOZES DO DESERTO

UM DIA MÍSTICO

A Rumen Stoyanov

Refutando antigas desventuras,
saio a rua com a certeza de que a vida não é um problema,
mas uma solução.
Além das paredes dos prédios,
o horizonte em fogo me aquece os nervos.
Vejo nas nuvens imagens antropomórficas,
como no dia em que, olhos fechados,
vislumbrei a fonte dos Avatares
e configurou-se a face de Zeus Oromasdes.
Choveu e o ar se impregnou de perfumes.
Em cada poça d'água vejo o céu refletido.
Pensarão que ando doido se me ponho a mirar poças de água?
Se me ponho a olhar o céu em plena rua?
É que ninguém percebe o tempo propício,
ninguém vê o dia magnânimo.
Que importa a cidade cheia de sujeitos mal intencionados?
Há lixo e matagais no asfalto esburacado,
mas em dias assim a vida é um ato de fé,
uma viagem mediterrânea,
um interlúdio floral.
Mesmo a confusão do trânsito se reveste de virtude solar.
Mesmo as coisas mais prosaicas,
o matagal nas calçadas esburacadas,
a fumaça dos ônibus enferrujados,
tudo se sublima na grandeza do dia.
Andar no espaço banhado de luz,
alumbrado de visões prismáticas.
A cidade é um objetivo em si, um Vesúvio sonoro,
com preeminências florais
(no corpo de algumas mulheres, nos seus olhos multicoloridos),
Transporto-me aos cimos de um novo enlevo,
em ondas de mais alta frequência,

as nuvens esboçam mágicas formas,
caminhos transversais,
meu segredo é decifrar a semântica de suas metamorfoses.
Aerografia de estranhas configurações,
tarde cheia de horizontes.
Hipocampos esvoaçantes vazam vertiginosos rastros,
percepções clarividentes.
O que me importa é o fenômeno absoluto:
a perspectiva da claridade.

**O CONHECIMENTO DA NOITE
(VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE OLAVO BILAC)**

Andarilho da noite do mundo,
aspiro `a festa das estrelas,
`a verdadeira vida que só é possível no domínio das estrelas.
No degredo das ruas, quem vive como se não vivesse,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.
Nas trevas em que me perco,
se não fito os lumes do silêncio.
No tédio em que me exilo,
se o vento do desengano
não reduz a distância de mim ao âmbito celeste,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.
No tempo que mata o gosto da vida
e no desencanto noturno de sobreviver,
nauta de minha solidão, notívago dos meus sonhos,
procuro os meus guias no cardume fosfórico,
além dos escombros da terra.
Púrpura na tela do infinito,
tenho a esperança de um dia reduzir a distância
entre o meu pensar e o meu pesar,
viajando entre as nuvens,
com destino a um lugar onde poderei ouvir e entender as estrelas.
No estado melancólico em que vivo,
quisera ser capaz de entender o espetáculo da noite,
a Via Láctea como um pálio aberto...
Mas as estrelas estão altas e distantes e se ocultam no nevoeiro.
Não lhes interessa as coisas pequenas deste mundo.
As atitudes tacanhas e os pensamentos mesquinhos da humanidade.
Num domínio superior, inacessível a quem vive cá embaixo

exposto a desordem, a pândega e ao estradalhaço,
as constelações flutuam...
Noutro reino, que imagino de bem-aventurança,
tão diverso do pardieiro que se conflagra nas imediações,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.

PRELÚDIO VERNAL

Só hoje vi que as flores são flâmulas nos páramos.
O inverno me obscurecia este amavio.
Mesmo alguns aromas que agora reconheço
não existiam antes no sono da consciência.
Mesmo as vozes de criança que agora me enchem de fulgores
eram imperceptíveis antes deste arrebatamento:
os trinos de diversos pássaros em festa
e o gosto cálido de atmosfera renovada,
tudo quanto se configura em novas perspectivas,
alvíssaras de aprazível tarde,
tudo tem agora um sabor de ansiedade,
como a vida que tenho, plena de translúcidas cores.
Limpidez de alvorada na noite de tristeza,
desvendou-se a névoa da tranqüilidade.
E a lucidez agora é inquietude.
E só hoje vejo os lumes sem devaneios.
Que só hoje aprendo o sentido da solidão.
Só hoje entendo a lição das contingências.

MUSEU DE MIM

O dia em que li Mário de Andrade numa rede em Niterói.
As manhãs em que fui à praia na infância.
As tardes de futebol e as noites de viajar pelo sertão.
Quisera reviver tais momentos nas horas de agora,
horas de luta em que estas quimeras resvalam entre os meus dedos.
Tento recuperar o insólito desses momentos,
em peregrinações, nas buscas de alumbramento
em que me alentam visões do céu mais claro e da erva mais florida.
Como agora retrocedo no mar dos sonhos,
restam lembranças como pedras destroçadas,
sepultadas na necrópole do tempo.

Velhas cisternas de alegria, pórticos de ilusão abandonados,
consumidos no embate dos aluviões.
Outrora ânforas de emoção ao descobrir a vida,
hoje sarcófagos de nada quando as relembro.
Rotas tumbas no capinzal da memória.

AO GUARDIÃO DE MIM

O que sei é nada.
Que da vida entenderia
se não me houvesse feito entender
o guardião de mim?
A segurança que tenho vem da providência
e da piedade com recebo amor
do guardião de mim.
O nada que sou é gota de ser
apenas porque assim o quer
o guardião de mim.
E meu pouco torna-se imenso,
se reconheço a dádiva que provém
do guardião de mim.
A paz é benção que me mantém,
confiança em que receberei sempre a luz
do guardião de mim.
Na névoa do medo o bálsamo de serenidade
vem de quem me acalma procelas,
de quem me guia o destino.
Que firmeza me sustentaria com poderosas mãos?
Quem tem as mãos que me conduzem ao sereno porto?
E de quem posso esperar sempre mais luz?
Do guardião de mim.

DA JANELA DO AVIÃO

Acima da capa de névoa e das lágrimas do céu,
haveremos de ver o lindo azul,
(cor predileta do pintor do universo).
Vamos subir além dessas melancólicas nuvens,
até que um tempo limpo seque as gotas que escorrem,
dissolvendo o gelo do spleen.
Da plataforma de lançamento subimos os degraus inefáveis.

As linhas da pista e as estradas se tornam menores,
já divisamos as geleiras sobre um campo em xadrês.

Sobre a névoa, na sombra veloz,
forma-se um arco-íris em círculo.

Aliança divina, sejam meu talismã.

Por onde quer que eu vá,
sejas minha imagem de salvação.

ASPIRAÇÃO HUMANA

Haverá gente contra a qual é preciso erguer muralhas?

Tinha razão o imperador Che Houang-ti?

Defender a dinastia da tranquilidade,
evitar a pilhagem dos tesouros íntimos,
sedimentar torres no pensamento,
guardando o silêncio em guaritas,
a sentinela do ideal mirando o relevo das alturas.

Na reportagem da vida os ídolos de barro tombaram aos meus pés
e as imagens definitivas fixaram-se.

Minha sensibilidade demanda ambientes
onde não se sufoque a energia de viver.

Minha intuição se configura em signos heráldicos
suspensos em altos pavilhões,
os cimos do coração.

Ando perplexo diante de tudo,
pasma de ver em cada setor o sábio, o sensato, o prudente,
mas também o cretino, o patife, o imbecil.

Ando carente de coisas simples como um parque sem lixo,
ruas sem fumaça,

restaurantes em cujo cardápio não figurem animais mortos.

Haverá quem desfrute o sabor do ar?

Quem ouça música sem barulho e ponha alma no que faz?

Quem pense na vida além das necessidades fisiológicas?

Quando viajo entre as estrelas
as coisas do mundo se reduzem ao seu lugar.

Mas há dias em que procuro quem veja à frente do nariz
e não encontro ninguém.

Hoje, por exemplo, preciso de gente que recuse a violência,
gente que não encharque os pulmões de nicotina,
gente que habite o templo do espírito,
gente que guarde em si os bens intangíveis.

Nada como estar nú diante de Deus.
Um menino em mim assiste tudo, impassível
e flutua sem tremores, na calma de depois do imprevisto.

COMO AS ESTRELAS DO DESERTO

A Edmílson Caminha Júnior

Viajo proscrito, carente de acalantos,
mas contemplei remansos de esperança,
 alimentei-me de aventura,
 adorei barcos de sombra.
Andei nos rastros da noite,
chorei sobre a chaga do enfermo,
 sorvi os miosótis do delírio
e atravessei obscuras falésias,
mas canto madrigais ao vento
e tenho o coração como as estrelas do deserto.
Conheço o fluxo da água e seu gesto de folha.
Precipito-me na voz das espumas,
amoroso da claridade, refugiado nos hortos,
 embebecido de aromas,
recolho nas mãos a flora das constelações.
Ungido de enlevos, fiz libações ao mar.
Flutuei como as aves celebrando o sol.
Tenho o coração como as estrelas do deserto.
Bebo antídotos contra a astúcia dos tiranos
 e sei dormir na névoa.
Vejo o caminho além das dores,
sonho com os pássaros no vértice das navegações.
As ilhas me esperam com seus promontórios de luz.
Subo aos cimos do imaginário.
Tenho o coração como as estrelas do deserto.

LIÇÕES DE ABANDONO

Vou acender as luzes da casa por temer o escuro da solidão.
Passarei a noite ouvindo velhas canções
para ressuscitar as emoções do passado.
Tenho no peito rosas de paixão e na memória os perfumes do céu.

Agudos violinos me estão tocando n'alma.
A tristeza dos salgueiros tem o gosto das minhas lembranças.
Coração na ribeira do abandono,
tanto a saudade me tem molhado os olhos.
Vento noturno, por que vieste abater-me o ânimo?
Por que tens o tom melancólico e me magoas com teus vórtices?
(Por certo Eros e Afrodite se divertem com meus infortúnios).
Enquanto tardam as andorinhas, derramas púrpura sobre o dia,
turvando as paragens do meu caminho.
Com nostálgico reposteiro ocultas a miragem dos bosques.
Até quando permanecerei calado e triste
`a espreita das minhas alegrias?

O CLAMOR DAS CIRCUNSTANCIAS

Ontem, alma embargada de travos de amargura,
pesavam-me turvos pensamentos.
Infenso à ínfima psicofera,
carpia as mágoas do sentir.
Nas minhas incoerências
refletiam ecos da dor do que fui.
Angústias, neurastenias, lástimas que chorei sem lágrimas.
Noite na aura e o torpor dos remorsos,
cálida corrosão borbulhando,
toldando as águas íntimas,
redemominhos revirando o pó das emoções.
Hoje um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro polo.
Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.
Índio que me tornei no meio do tempo.
Como as coisas do mundo me decepcionam
e só na contemplação entendo o colosso da vida!
Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

PENSAMENTOS NO BOSQUE

Aqui nenhum carro nos agredirá contaminando a vida.
Ao invés do barulho dos motores,
sou recebido com música.
Melhor que a recepção dos estadistas,
homenageados com tiros de canhão,
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo

e celebramos um acordo auspicioso,
mais solene que as cartas credenciais
e as mensagens dos chefes de governo.
Que não surja humana figura com triste aspecto.
Apenas o chão de pétalas e o perfume.
Apenas a placidez das ramagens.
Atmosfera serena gotejando bálsamos.
A sombra reconforta as árvores
refletidas nas dançantes águas.
Sobre as pedras um passarinho bailarino toma banho de areia.
A tarde lembra um quintal perdido da infância.
Celebro a vida com os pássaros,
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,
velozes como o tempo.
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.
As árvores meditam ao embalo do vento,
lânguidas e permissivas.
Não venha humana figura...
O industrial destrói um reino enquanto acende o charuto.
Outro patife qualquer estragaria o ar e assustaria os pássaros.
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

PASSEIO ECOLÓGICO AO MORRO DO LEME

Revelo ao mundo a sagração das águas,
a quietude da Baía vista do alpendre ajardinado,
o verdejante flanco das colinas:
grandes rochas envoltas em bosques,
portentosas escarpas aureoladas de nuvens.
Tudo está encantado: ipês, jequitibás e paineiras,
pitangueiras floridas, hálito celeste,
beija-flores, bem-te-vis, ressonâncias inebriantes.
Medito num refúgio de onde as grandezas se desvelam:
Urca, Pão de Açúcar, Corcovado, Pedra da Gávea, Dois Irmãos
e outros prodígios que se perfilam garbosamente
com postura de deuses antigos.
Deste mirante Copacabana, mavioso leque,
arqueja, bordada de espumas,
até o istmo onde começa Ipanema.
Momento de êxtase, a visão do mar onipresente.
Tudo está encantado: os sons fantásticos na vegetação,
a procelosa viração das vagas

e este caminho na alameda virente.
À sombra serena, dádiva de andar neste espírito de saúde,
a efusão de aromas:
musgo, relva e folhas que recolho como bálsamos da alma.

ENTRE O CONJUNTO NACIONAL E O CONIC

Pasce o gado humano entre o Conjunto Nacional e o Conic.
Passa gente de todo espectro: mendigos, operários,
burocratas tangidos pelo ruído agoniado dos carros.
Toda sorte de gente a passar na passarela,
no impasse ou na parcialidade em que a vida se transforma,
vida: matéria-prima do tempo, pasto de transitoriedade.
Nunca mais as mesmas pessoas passarão
e os que passam deixam rastros de nada.
Restam imagens, vultos, espectros entre dois mundos,
os polos da cidade.
No desvão entre o Conjunto Nacional e o Conic,
os que vão sob a redoma celeste passam,
passageiros do instante.
Passam deixando-me na retina o retrato do Brasil:
o sanfoneiro cego, a mulher de peitos balouçantes,
o Aleijadinho desengonçado que se desvia dos transeuntes,
os vendedores de miudezas oferecendo mangas,
bonecos de pano, discos piratas.
O sujeito do boné tatuando a coxa de uma cabrocha.
O outro que lambe um picolé.
As miríades de coisas ínfimas espalhadas na calçada.
Tudo ao preço de um real.
"Melhore a sua imagem" , diz o que oferece antenas de televisão.
E outras vozes: "12 linhas, 13 agulhas, refresco de catuaba, milho verde,
pastel, churrasquinho, calcinha, camisinha", etc.
De repente, um grito... Olha o rapa!
a negrada arruma a trouxa e se desabala
no rumo da Rodoviária.
O policial esgalgo urubuserva tudo, especialmente as mulatas,
(as brasileiras partes tingidas de sol).
De Ceilândia, de Taguatinga, de Samambaia,
desfila um brasil de passo inconsciente,
que passivamente expõe etnias e castas
neste elo que conecta os extremos de Brasília.
Diante de mim os obeliscos do Legislativo,

a seqüência dos Ministérios simetricamente perfilados.
Diante de mim, em um minuto passam as duas mil caras do Brasil,
da casa grande à sensala, da favela ao shopping,
do latifúndio à sarjeta,
a cor morena denunciando as proezas do avô lusitano.
“Dá uma esmola fi-da-mãe-de-Deus”,
pede a mulher com o pequenino ao colo...
Com ar solene, a legião distribui minúsculos papéis
como se revelasse mistérios.

KEW GARDENS

Mirando a explosão verde que ressalta como um dilúvio extático,
recolho no âmago a expansão de harmonia que os pássaros anunciam,
bálsamos sensuais e enlevos sonoros que me seduzem.
Chego exânime, peregrino apátrida
e súbito, ânimo renovado,
bebo as promessas deste relâmpago de esmeralda,
inundação virente sobre o Rock Garden, o Woodland Garden
e entre a Gallery e a Palm House.
Não é mais suntuoso o opulento cedro que hegemonícos ramos alastra
que a lânguida tulipa curvada pelo vento,
nem tem mais esplendor o espelho em frente a mansão
(os flamejantes frisos ondulando)
que a magnólia exalando o seu lilás sobre a relva.
A estrada de veludo alonga-se num encantamento...
trazendo à precária vida humana um minuto de eternidade.
Os cachos de róseas primícias, cromáticos refrigérios,
do céu irradiados,
como deleitam as retinas e o coração,
íntimos da aspereza, e os sentidos,
infensos aos austeros ofícios da vida!
E como lava a alma de cristalina saúde o ar que aqui se respira!
A fonte dos mais deleitosos aromas
tornou supérfluas as lojas de perfume!
O prodígio de satisfação murmura na folhagem,
o festival de vida emerge dos monumentos de folhas,
maravilhosamente plantados,
disseminando miríades de serenas sombras.

RUAS DE ALDEOTA

Caminhando no mormaço das tardes,
a barba por fazer como em outras tardes
que agora me vem com os espinhos de recordar.
Magoado das horas em que passeio entre melancolias,
vivendo assim desde que me feriram estas emoções,
 carente do antídoto da saudade,
aquele gosto de pitanga que me conduzia ao jardim,
um bálsamo transitório me garante o enlevo.
Ah no tempo em que eu perambulava à toa
eram as ruas sem asfalto e a vida sem cuidados.
Depois veio a semântica dos temores,
 o tumulto das sensações.
Trilhei ínvios roteiros e cultivei papoulas de ilusão.
 Súbito, numa rede de sonhos
lamento o meu destino nômade
e antecipo as tardes cálidas de hoje,
 rendido ao que fui,
querendo ser o agora pleno de antes e de amanhã.

MEIO-DIA NO SERTÃO

Tem cupim de asa na fazenda e não choveu:
o calor esturricou as ribanceiras empalmeiradas,
 os matagais estão da cor da terra,
 gado muge de sede na capoeira.
O vento de novembro arrasta as nuvens
 para despejá-las no mar.
Palha seca sussurra no mormaço,
 o ar quente secou as cacimbas.
Só na boca da noite as plantas gostam de beber.
O caboclo descança a sombra do tempo abrasado.
 Estranho como a água escorre
e desaparece que nem dinheiro de pobre.
Mas a chuva de súbito inunda tudo
porque há fonte em toda parte: céu, ar e terra.
 Mas dinheiro é escasso,

depende de patrão que abusa da força humana,
e quer secar o homem feito rama de capim.
Um tempo assim faz meditar no destino.
Silêncio clama no rigor da hora.
Marmeleiro sem folhas espera algumas gotas,
os capotes se alucinam em algazarra,
um bando de aves escuras redemoinha lentamente
e se esvai sem deixar vestígios.
O vento rumoreja no folharal,
brinca nas palmas tremulantes.
Os lençóis brancos do céu se dissolvem.
Os cajueiros exibem ouro nas frutas.
O sanhaçu faz festa pelos galhos.
Silêncio crepita ao cálido sopro do meio-dia.

LEGENDA DE CARTAGO

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia.
E os homens pasmos diante dos cafés.
Túnis espraiada de alvura matinal,
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.
E como brincava na praia um menino escavando a terra,
animalzinho alegre saltitando na areia!
E como eu me abismava na vastidão
recolhendo as coisas do azul!
Cartago, esfinge de cinzas,
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,
infensos a sanha dos saqueadores.
Perguntavas sobre as guerras púnicas,
enquanto eu via Cartago em meu âmago.
A sombra dos meus encantamentos,
fragmentos de sua glória esquecida.
Hoje que me recolho sob um céu aziago,
os filhos da floresta perguntam por ti.
Viaja com Deus, dizem-me alguns,
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.
A chuva me alcançou na estrada.
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.
Pilares visionários do meu templo,
tapera das minhas utopias.
Não há esplendor na face destas metamorfoses.
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.

Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcáreo,
vândalas vibrações.
Além, a imensidade, lívidas branduras,
luz nas escarpas sagradas.

O BAZAR E AS ILHAS

Alá, aos brados, conclama as almas a adorá-lo.
Em plena mesquita, bermudas envoltas em saiotes,
os colegas deliram com a visão do bazar.
Aos mosaicos de Santa Sofia
preferem os brocados das prateleiras.
Os novos iconoclastas desprezam Constantino e o hipódromo.
Melhor as miudezas de ônix, as bolsas de couro,
os cristais e as chaleiras.
Investem contra bandejas de prata,
caixinhas com mandalas, toalhas de musselina,
azulejos com flores e peixes,
jarros com toda sorte de insígnias.
Discutem preços em todos os idiomas
e bebem chá de maçã,
ao ritmo de música sincopada.
Apalpam tecidos policromos, lenços-turbantes,
entre sapatos de arlequim e doces de pistache.
Luminárias, panos caleidoscópicos, xícaras alegóricas
refletidos em espelhos.
Em cada loja uma parada estratégica
(como os cachorros diante dos arbustos).
Quanto custa? Quanto dá? Qual o mínimo?
Depois do festival de objetos reluzentes
e da falação babélica,
a caminho das ilhas,
o taxista finge desconhecer a cidade
e nos desfalca em 10 milhões.
Vagamos da Europa à Ásia e vice-versa,
sem entender a gaguez do turco:
“Dolmabahce/Beylerbeyi”...
Em que continente nos encontrávamos?
Os colegas nem reparam na Torre de Gálata.
Estranham que a capital não seja Istambul,
mas algo como “Ankora”.

E quanto ao mar, que nome tem? Fósforo?
Nem percebem a lua no horizonte de Kinaliada...
Velejamos na esteira de espuma.
Na distância as miríades da costeira,
o luar de outubro acendem céu e mar.

ATUALIZAÇÃO DO MITO DA CAVERNA

As multidões são feras adormecidas
que se deixam hipnotizar por máquinas de fabricar fantasmas.
Não basta ouvir o escabroso barulho,
 é preciso ocupar os olhos,
 abrir as janelas da alma
para que penetre a pândega do retângulo mágico.
A focalização apascenta a boca, órgão voraz,
 que sempre tem tão pouco a dizer.
Os sentidos entorpecidos pelas sombras móveis,
as multidões ébrias se sufocam no moroso pasmo de ver sem ver.
Tanto diverte o quadrinho cintilante,
que o povão anda mais que atônito, autômato.
De certo cabe-lhe o mérito da bestificação.
Banalidades comerciais, cinismos usurários, tiroteios, porradas...
Que tanto importa o papel sujo dos bandidões do mundo?
Que há de curioso na irrisão dos trejeitos,
na farsa tragicômica dos falsos histriões?
Um soldado que morre numa trincheira,
 uma cidade que arde em chamas,
 um general que, esperto, fornicava
 e agoniza na sarjeta da sargenta...
Um débil mental que traça sinistro “x” sobre um território.
Bufões que dão gargalhadas entre esgares e gritinhos histéricos...
Vampiros, licantropos esfomeados que avançam,
gritando, esbravejando disparando contra tudo e contra todos.
Os coveiros se estressam, os urubus engordam.
Eis um tempo em que não há resposta para questões elementares,
 tempo de confundir a realidade
com sombras projetadas por uma lanterna.
As multidões são feras que se deixam hipnotizar...

O IMPÉRIO DA INJUSTIÇA

Um povo tem fome e exhibe a magreza de ossos e feridas,
enquanto os molóides do império dançam, mascando chicletes.

Não é justo.

Há carência de pão, leite e remédios,
há carência de mantas quando o frio corta,
há indigência e horror.

O império se recolhe, caramujo,
enclausurado ante a aproximação do estrangeiro.

Não é justo.

Um império ameaça o mundo,
detona sobre o mundo seu poderio bélico,
abomina o mundo e suas migrações bárbaras.
Crianças choram de fome no continente negro,
o império despeja mísseis sobre as cabeças dissidentes.

Anciãos morrem à míngua,
crianças morrem de malária, tuberculose e subnutrição,
mulheres esqueléticas, peitos murchos, gritam de fome.
O império, onipotente, embarga, veta, bombardeia.
Ai dos vencidos, ai dos que rastejam, ai dos que se desesperam.
Há moscas como nuvens sobre crianças feridas,
há frio, há medo, há fome
pelas tristes estradas do continente agonizante.

O império é uma família rica
assedida por legiões de mendigos.
A água contaminada, crianças tremem de frio e fome,
vestidas de farrapos ou desnudas,
morrendo da doença do mundo.

Quem os veste no frio?

Quem os alimenta na fome?

Quem os ampara na doença?

Não é justo.

O império injeta mísseis no golfo adversário,
o seu mandatário abusa da potência imperial:
inocula espermatozóide no triângulo das bermudas das secretárias,
dita regras e não as obedece,
manipula, monopoliza o poder, extermina cidades,
perpetra genocídios, oculta o escândalo que salta aos olhos.

Não é justo.

O azorrague estala sobre quem repudia a farsa,
sobre quem se apieda da dor alheia.
40 mil crianças morrem de fome todos os dias.
O império testa os seus arsenais contra os réprobos,

caça bruxas, defende os infaustos lugares da democracia.
A indústria da matança gera superavits,
dita ordens fundadas na empáfia,
ordens impostas por guerras e ameaças,
o livre câmbio transmitido via controle remoto.
O império, potência da prepotência,
caminha com a segurança do sonâmbulo...
Não é justo.

MANIFESTO DE SOLIDARIEDADE

A Dobrika Kamperelic

Foi preciso castigar o ditador, repressor das minorias rebeldes,
mas não se justifica o massacre da população de seu país.
Quem se condói das vítimas estraçalhadas pelos mísseis,
da indiscriminada matança e do infortúnio de um país desesperado?
Será que os prepotentes se julgam bons por matarem?
Desde que o mundo existe, em toda parte as tribos se digladiam.
Nada justifica o esmagamento de um povo,
a chuva assassina de bombas sobre cidades,
crianças e mulheres despedaçadas!
Preocupam-se com os atos abomináveis do déspota,
mas não se preocupam com a dor dos que perecem na sua tribo,
os órfãos da cidade destruída
e um poeta que recusa o holocausto,
que se rebela contra a perversidade,
que se nega a ser fantoche nas mãos do opressor.
Não estivessem dormidos, os poetas protestariam
contra a petulância dos cretinos.
Gritariam contra a raça de víboras, contra os miseráveis de espírito
que não respeitam casas, monumentos, a dignidade de um povo
e a vida de um poeta!
Mas os poetas dormem nos palácios,
com indigestão de paté de fois,
contando níqueis nos bancos transnacionais,
indiferentes à infâmia,
à dor das famílias desamparadas e sem esperança.
Não choram pela casa destruída de um poeta,
por sua biblioteca em chamas,

seu computador aplastado sob os escombros.
Quem, além de mim, deplora o massacre, o horror das explosões,
o povo sem pão e sem paz
a defender-se contra a pusilânime violência?
Ainda há quem se comova com a miséria dos párias?
Quem proteste contra o bombardeio de um país,
contra a agressão de um povo que arde em chamas?
É desumano o ditador da província.
Mais tresloucado é o ditador do mundo.
Que imbecilidade destruir em dias o que se fez em séculos!
Descarregar a munição do mundo
sobre velhos, crianças e mulheres,
lançar demônios de fogo, plantar cogumelos do mal,
cravar os dentes na jugular do povo de Dobrika.
Não estivessem debilitados, os poetas lamentariam essa tragédia.
Abominariam as agressões em nome do bom senso.
Gritariam: Chacais! Abutres! Vampiros!
Tirem as garras da jugular do povo de Dobrika!
Que loucura destroçar trens, ônibus e edifícios repletos de gente,
despedaçar hospitais com enfermos e médicos,
A conversa fiada das televisões oculta a calamidade.
Prédios, casas, igrejas, mosteiros e hospitais foram destruídos.
Pontes, avenidas e aeroportos reduzidos a escombros.
É tempo de deplorar e condenar também tais atrocidades.

A TRIBULAÇÃO DAS VICISSITUDES

Não pude ser melhor do que sou.
Fui apenas o que pude ser.
Não aprendi além do que pude aprender,
mas não perambulo pelo muro das lamentações.
Estabeleço-me no meio do tempo e não tenho pressa.
A vida tem sua própria velocidade
e o horizonte se alonga até onde minha vista não pode alcançar.
As flores nascem, brilham e depois fenecem.
Também há um tempo de nascer e renascer no momento presente.
O que passou já não tem jeito.
Um dia aprenderei a definitiva lição de paz,
Mas agora apenas raia o fogo da madrugada em mim.
Alguém meteu-se onde não devia e ouviu o que não queria.
Fui responsável pelo dito.

(Reservei meus gestos nobres a quem os mereça).
Não encontrei a correta palavra para repudiar o atrevimento.
Se eu fosse menos feroz teria evitado a desavença,
mas fui apenas o que sou capaz de ser.
Que ao menos eu tenha aprendido algo, depois do acontecido.
O que passou já não tem jeito.
Ou haverá ainda um tempo em que se regenere a vida
e se conciliem todas as incompatibilidades?

A TENTAÇÃO

A tentação me tem atado a seus tentáculos,
atento à sua tensão,
à obstinação de seus obstáculos,
à obsessão, a obsolescência que obsta a obediência,
a insistência que insta à ânsia
e a instância da abstinência.
A tentação me ata e me até,
tem-me atado à tenda,
ateia-me na teia atéia,
tem-me no temor da ação, treme o frêmito,
franqueia-me o freio.
Trama o trâmite, tem o tónus, o teor do tenor,
obtem o bônus do obsessor.
À sombra abstêmica, o exato senso me isenta.
A tentação tenaz, tantálica, atávica,
tanática, tem seu talento e seu talante.
Seu talamo alucinante,
seu Taliao alienante,
seu Aleph, seu alemnto de Atila,
laudano traumatizante,
sua metáfora atritante.
A tentação tenta tomar-me o tato
e tem-me atônito.
Tem o antagônico tom de Antero,
tem escleroses de Herodes e clero.
Promete proezas de Proteu e Prometeu

e protagoniza protótipos de Anteu.

THALASSA

**“A noite de negras asas
pôs um ovo etéreo no coração de Érebo”.**

Aristófanes

A noite de negras asas pôs um ovo etéreo no coração de Érebo.
Pródigo abismo, o Tártaro de púrpuras cavernas.
Górgonas e Eríneas sopram na esplanada dos Centauros.
A Hidra inunda os lençóis das filhas de Atlas.
A luz se densificou num betume de safira.
Era magnificência depois do Caos, esfera lúgubre.
Vieram Perseu e Apolo,
enfeitiçando as entranhas das Quimeras.
O Demiurgo diluiu na distância a turqueza do dia,
magnetizando a câmara volátil,
toda clorofila nitrogenada:
a mansuetude da laguna, florações de musgo e algas,
inflorações do magma translúcido.
Do esperma de Uranus nasceu o púbis de Afrodite.
Xisto, calcáreo, basalto, os touros de Poseidon,
céu tingido em golfo de exortações.
Tudo perfeito nos istmos.
O mar percutiu no sexo das Nereidas.
Depois veio o homem -- repositório de amargura
e a efusão de Thalassa, colosso fustigado pelas legiões de Cronos,
refúgio e berço do espírito,
horto de visionária plenitude.

CALÍOPE (Coleção de Metáforas)

Luar acima dos ramos florentes,
halo verde azulando aromas,
a mais clara ave dormita,
Calíope, dos teus favores faço-me cativo.
Iris de água marinha, minério palatável,
como se alvorecesse um milagre de prata,
a mais bela libélula de pétala, cerúlea, flutua.

Calíope, teu sexo é um búzio que o mar batiza de algas,
corola felpuda em vale perfumoso,
em horto de erva e graveto, papoula carmim.
Estrela de carne, orquídea rósea,
pérola exótica da aurora do mundo.
Calíope, tens entre as pernas um bosque violeta,
beiral de treva no Levante,
folha de seda, ave de lã, ninho de hortelã.
Florece na penumbra, magnética miragem, enluarando-me.
Levo em mim a imagem, viagem de manhã, jóia de algibeira.
Oásis do oráculo, vergel onde recolho ambrosia,
néctar e acalanto libidinal.
Ao colibri resta libar-te, tulipa de leite!

SANTUÁRIO DE ORFEU

Meu transporte é o cortejo da folhagem
precipitando harmonias e perfumes.
Bebo a textura das cores e o silêncio dos eremitérios.
A periculosidade me ensina a fitar longamente os cachos agrestes.
Minha poesia se nutre do estro das cachoeiras,
dos cimos de onde transborda verde espuma.
Minha voz navega em meandros, folhagens, redemoinhos,
em unísono com o silvo das cigarras.
Sobre pontes transversais, caudalosos leitões, alados jardins,
floram meus arcanos além dos rochedos.
Lendas minhas, frêmito bebido em ânfora,
voragem do Verbo,
murmuram comigo os olmos tutelares.
Relâmpago nos vales,
respiro com os carvalhos na tarde adolescente.
A poesia vaza blandícias na amplidão.

PROMENADE DE PRINTEMPS

Dans les relicaires d'enchantement,
les oiseaux veulent captiver la fugacité de l'instant.
Des hirondelles s'élancent, dévoilent les secrets de l'herbage.
Il y a des alouettes sous le chapiteau du ciel
et des muses qui contemplant le gazon des jours.

Là, vers les ruisseaux qui perlent les vallées,
le poète croit au printemps et rêve au bord des rivières,
contemplant les ondes et les ombres.
Son aventure fleurit, il est ravi du vol de l'eau
comme des pigeons inondant les coeurs.
Il pleure l'éphémère.
Les oiseaux du matin vers les larmes de brume,
vers les sentiers azures,
cherchent des trésors en exode.
Un serin murmure un violon d'espoir,
glisse sous le palmier.
D'une exhortation divine,
l'accrocheur d'étoiles songe sous les arbustes endeuillés
et l'amour de l'instant, bateau sur l'incandescence,
passe sur les eaux du chagrin.
Voilà que les merles promeuvent un arc-en-ciel,
les rayons d'énigme effleurent le rivage.
Il y a un panorama de verdure au delà de la saison.

VOYAGE DANS L'AUBE

Avec l'orage au coeur des frondaisons,
les draps de verdure, flammes sur l'éclair vide,
je marche sur les ruines du ciel.
Avec les lampes aux confins du silence,
aux jardins de mémoire, vers l'autre rive,
je sens l'amertume que l'eau efface,
le jour de braises au gouffre clair.
Glaise aux rivages,
la grisaille de l'aube ruisselle,
silence parmi les roseaux.
L'aube va reflurir dans le ravin.
Aube d'étoile que le vent transporte jusqu'au seuil du temps,
montagne sur laquelle défleurit la rose du séjour.
Avec l'attachement du lierre,
avec les fleurs flétries et le visage sans racine,
je voyage vers les éclairs.
La vigne se dissipant, village de braise, falaise d'ombre,
un geste dans le vide, un destin qui déborde dans l'épaisseur,
le versant se brise au loin.
Le navire de feu décline, jeté sur la nuit

et la torche du froid va guerir dans l'herbe.
Les dalles mènent le pas épris du jour.
Feuillage de nuit ou les fleuves respirent,
le jardin de l'éveil porte l'ombre,
le lierre boit dans l'instant.
Je voyage dans ce ciel de vestale,
image qui se délie, bonheur sur la crue d'un rêve,
écume qui retrouve les lointains.

PENSAMENTOS NO BOSQUE

Aqui nenhum carro nos agredirá contaminando a vida.
Ao invés do barulho dos motores,
sou recebido com música.
Melhor que a recepção dos estadistas,
homenageados com tiros de canhão,
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo
e celebramos um acordo auspicioso,
mais solene que as cartas credenciais
e as mensagens dos chefes de governo.
Que não surja humana figura com triste aspecto.
Apenas o chão de pétalas e o perfume.
Apenas a placidez das ramagens.
Atmosfera serena gotejando bálsamos.
A sombra reconforta as árvores
refletidas nas dançantes águas.
Sobre as pedras um passarinho bailarino toma banho de areia.
A tarde lembra um quintal perdido da infância.
Celebro a vida com os pássaros,
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,
velozes como o tempo.
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.
As árvores meditam ao embalo do vento,
lânguidas e permissivas.
Não venha humana figura...
O industrial destrói um reino enquanto acende o charuto.
Outro patife qualquer estragaria o ar e assustaria os pássaros.
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

RÉQUIEM PARA AS MUSAS E OS POETAS DA BEIRA-MAR

Recanto dos poetas hoje habitado por mendigos,
os bares tocam as mesmas músicas de antigamente.

Mas a passarela está vazia,
faltam os poetas e as musas de outrora.

Onde estão os companheiros daquele tempo,
onde as musas, graças risonhas
que não vem escutar as canções antigas,
as canções românticas que ainda ressoam nos bares?
Falta a companhia dos amigos visionários
e das meninas de antanho.

Onde estão seus formosos vultos,
miragens que o tempo escondeu?
As musas envelheceram de repente,
precocemente se recolheram aos aposentos,
aposentadas do amor como velhas bruxas?
Onde aquelas crianças outrora cheias de riso e de encanto?
Onde aquelas em cuja cintura eu girava feito menino em ciranda?

Sumiram de repente, diz o mar.

Sumiram no tempo, diz o vento.

Estão dormindo talvez profundamente
ou sonham como velhas atrizes nos mofados camarins,
longe do aplauso das platéias,
velhas atrizes frias como flores murchas,
fantasmas de um tempo em que se vivia,
em que se sorria e se gargalhava em êxtase.

As musas se amofinaram,
almofadas desbotadas, jogadas a um canto da casa,
corolas sem brilho e sem perfume.

Despetaladas, murchas e vencidas,
pobres musas desvalidas!

E os poetas também desertaram do teatro de aventuras.

Os mais lúcidos fugiram com a megera morte.

Os menos dotados se refugiaram nas tocas,
pobres diabos, espantalhos antigos,
bichos da escuridão, metidos em gaiolas,
sisudos, mudos, tartamudos...

O outrora tão ávidos de proezas,
hoje anciãos precoces, lobisomens com medo da lua,
com medo da noite, com medo da vida.

Triste destino dos poetas, das musas e da própria beira-mar,
hoje palco de decadência, desvão de nulidades,
jardim pilhado por predadores.
Só eu resisto só,
tendo apenas a noite e as velhas canções por consolo.
Só eu e as minhas lembranças.
A noite está cheia de aromas
e me convida a passear em seus espaços,
mas dói a saudade e a pena daqueles amigos,
heróis destronados pela vida,
princesas deserddadas pela noite.
Onde estão todos? Não importa.
Que venha a chuva, a madrugada e o novo dia.
Novas gerações hão de ressuscitar os noturnos
e cantar comigo a poesia da beira-mar.

2. JARDINS E VIAGENS

CLARIVIDÊNCIAS DO ARPOADOR

Recanto onde a vida repousa na pele das águas.
Varanda de onde a fruição anímica,
qual talismã de ágata, reverbera matizes.
Tórrida delicadeza flui.
Espadas se espraíam nas linhas fúlgidas,
viajam procelosos torvelinhos.
O clarão acende fagulhas em toda vaga,
na espuma o arco-íris se prenuncia.
Florilégios no céu, caminhos imantados de milênios,
e o espírito habitante das grotas,
tudo converge no alumbramento,
miragem, chuva de luz, visão astral.
As entonações são minhas na voz do mar.
Súbito, o sol abre um leque, pirâmide tutelar,
colunas etéreas fincadas na profundidade.
Este misterioso templo riscado de gaivotas,
infinito desvelo, gemas do minério colossal,

este portento é o Deus dos meus altares,
domínio do meu cismar,
lívido tesouro em que me afortunou.
Rio, 9/11/98

CAPITAL DOS PRAZERES VISUAIS

Respiro meandros de floresta e mar,
deleito-me nas águas do encantamento.
O Sol oracular escreve essências,
a ondulação explode em curvas,
desliza na pedra escorreita.
Capital dos prazeres visuais:
velas como insígnias num manto líquido.
Do Flamengo à Urca, orbital de beleza.
Terra de esplendores, guardada por um Deus vigilante.
Na projeção da distância, enevoados relevos com nuances,
prédios e paineiras, cachoeiras sobre a Lagoa,
serras sobre túneis, corredores vazados de periculosidade.
Respiro meandros de floresta e mar.
Além do carrilhão da ponte sobre a baía,
de Itacoatiara a Paquetá,
tudo claro, pulsação vital nos trilhos da Linha Vermelha
ou nas pistas da Zona Sul,
madrugada no cheiro das árvores do Aterro do Flamengo.
Luz densificada na superfície do mar,
o sol dardeja morena pele no areal,
mistério aberto à velejação da memória.
Configuração de terra e céu, repositório de dádivas.
Ergo-me a cantar os ritmos do mar
e canto a visão que me acende a vida,
cadência tonitroante,
o mar pacificando expectativas,
plenitude fluente na catedral da natureza.
Rio, novembro 98

PASSEIO ECOLÓGICO AO MORRO DO LEME

Revelo ao mundo a sagração das águas,

a quietude da Baía vista do alpendre ajardinado,
o verdejante flanco das colinas:
grandes rochas envoltas em bosques,
portentosas escarpas aureoladas de nuvens.
Tudo está encantado: ipês, jequitibás e paineiras,
pitangueiras floridas, hálito celeste,
beija-flores, bem-te-vis, ressonâncias inebriantes.
Medito num refúgio de onde as grandezas se desvelam:
Urca, Pão de Açúcar, Corcovado, Pedra da Gávea, Dois Irmãos
e outros prodígios que se perfilam garbosamente
com postura de deuses antigos.
Deste mirante Copacabana, mavioso leque,
arqueja, bordada de espumas,
até o istmo onde começa Ipanema.
Momento de êxtase, a visão do mar onipresente.
Tudo está encantado: os sons fantásticos na vegetação,
a procelosa viração das vagas
e este caminho na alameda virente.
À sombra serena, dádiva de andar neste espírito de saúde,
a efusão de aromas:
musgo, relva e folhas que recolho como bálsamos da alma.

PASSEIO HEDONISTA

O dia exuberava em sol, passeio no calçadão,
flano pelo litoral, Copacabana me espera,
a Avenida Atlântica está cheia de luz.
O Rio de Janeiro é festa permanente
e o mar continua sublime.
As montanhas parecem dinossauros de pedra,
serpentinadas de leite despejam alvas rajadas
no tecido das areias.
As sirenes estrugem, as picaretas rebentam, os ônibus se rebelam,
mas a cidade é minha casa.
A cidade me fala mais que o campo:
os muros manchados de garatujas,
os viadutos de onde se divisam luzes ao longe,
os sinais nas encruzilhadas, o bruxuleio dos faróis e postes
nos carrilhões das avenidas.
Vou à cafeteria do Meridien,
contemplar as benesses atlânticas.

Além das proezas do mar o céu tem dádivas imperecíveis.
Vejo o vôo dos pombos sobre a cidade em transe
e sobre a agonia do trânsito, nos andaimes do edifício em frente,
operários em construção.
Nada mais digno que o trabalho do homem
e a poesia do homem.
Louvo o poeta que amou todas mulheres do Rio,
o poeta Vinícius, fauno que adorou a cidade filha do mar
e suas musas transbordando beleza.
Há de doçuras de mulher nas curvas das montanhas
e na tarde de ares límpidos.
Ai de ti Copabana! disse o Rubem Braga,
e eu digo ai de mim, que me exilarei de Copacabana.
Melhor que Copacabana é Ipanema e o Leblon
quando o mar se mostra indomável,
quando a lua freme soberana no céu
e quando os aviões tremeluzem sobre o fósforo das favelas.
Fico olhando a sucessão das ondas,
serenando a inquietação de água que há em mim.
A lua transporta o mar para a dimensão do empíreo
e a fruição contemplativa instila-me vigor mineral.
Que venha a noite amenizando-me os turbilhões das idéias.
Visitarei o bibliófilo José Bonifácio Câmara,
irei à Casa de Cultura Laura Alvim,
vagarei pela noite sem ligar para as ameaças dos bandidos.
Cantarei a urbe noturna e suas sombras,
seus chamarizes de artifício, os placares reluzentes do comércio,
o licencioso silêncio dos seres macambúzios.
Que venha a noite consolidando o mar em mim,
imerso na consciência do horizonte em meu sonho.
Hei de dormir nas vagas marinhas do inconsciente,
repousando nos braços do Deus restaurador das manhãs.

SOLICITAÇÃO AOS AMIGOS

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga,
conduzam-me cuidadosamente ao largo da perspectiva,
para que eu desfrute a visão do relevo,
as íngremes ascensões verdes do Rio de Janeiro.
Que eu me extasie diante da flora mágica

dos assombrosos portentos,
beijados pela luz da tarde apaixonante.
No dia 22 de maio concedam-me o gosto desta prenda,
dádiva que vos demanda este menino grande.
Parece que as pedras despertam de súbito,
singrando o encantamento de um navio inesperado.
Profusão nos sentidos inundando um temporal de beleza.
O olhar que veleja se alça até os cimos clarividentes.
Que eu escute os procelosos rumores,
o estrugir das vagas percutindo reverberações,
a voz da profundidade narrando a história das águas.
O corpo, esse vilão, propicia ao espírito certas vantagens.
Permite que ele aprecie o reverter dos turbilhões,
os lumes coruscantes, os aprazíveis sopros das coisas místicas.
No dia 22 de maio levem-me a Piratininga.
O espírito saberá agradecer-lhes com algum poema
ou uma palavra de perplexidade.

ENTRE O CONJUNTO NACIONAL E O CONIC

Pasce o gado humano entre o Conjunto Nacional e o Conic.
Passa gente de todo espectro: mendigos, operários,
burocratas tangidos pelo ruído agoniado dos carros.
Toda sorte de gente a passar na passarela,
no impasse ou na parcialidade em que a vida se transforma,
vida: matéria-prima do tempo, pasto de transitoriedade.
Nunca mais as mesmas pessoas passarão
e os que passam deixam rastros de nada.
Restam imagens, vultos, espectros entre dois mundos,
os polos da cidade.
No desvão entre o Conjunto Nacional e o Conic,
os que vão sob a redoma celeste passam,
passageiros do instante.
Passam deixando-me na retina o retrato do Brasil:
o sanfoneiro cego, a mulher de peitos balouçantes,
o Aleijadinho desengonçado que se desvia dos transeuntes,
os vendedores de miudezas oferecendo mangas,
bonecos de pano, discos piratas.
O sujeito do boné tatuando a coxa de uma cabrocha.
O outro que lambe um picolé.

As miríades de coisas ínfimas espalhadas na calçada.

Tudo ao preço de um real.

"Melhore a sua imagem" , diz o que oferece antenas de televisão.

E outras vozes: "12 linhas, 13 agulhas, refresco de catuaba, milho verde, pastel, churrasquinho, calcinha, camisinha", etc.

De repente, um grito... Olha o rapa!
a negrada arruma a trouxa e se desabala
no rumo da Rodoviária.

O policial esgalgo urubuserva tudo, especialmente as mulatas,
(as brasileiras partes tingidas de sol).

De Ceilândia, de Taguatinga, de Samambaia,
desfila um brasil de passo inconsciente,
que passivamente expõe etnias e castas
neste elo que conecta os extremos de Brasília.

Diante de mim os obeliscos do Legislativo,
a seqüência dos Ministérios simetricamente perfilados.

Diante de mim, em um minuto passam as duas mil caras do Brasil,
da casa grande à sensala, da favela ao shopping,
do latifúndio à sarjeta,

a cor morena denunciando as proezas do avô lusitano.

“Dá uma esmola fi-da-mãe-de-Deus”,
pede a mulher com o pequenino ao colo...

Com ar solene, a legião distribui minúsculos papéis
como se revelasse mistérios.

INSTANTE EM BRASÍLIA

A Nilto Maciel

Repousa a vida no torpor da tarde.

Sob frondosas árvores,
à sombra fraterna ancoram máquinas de locomoção,
o encantamento das cigarras invade as varandas.

A vida repousa nos pomares coletivos.

Sob o aconhego das mangueiras
deito os olhos num chão de relva.

Os pássaros se embriagam de vento,
fez-se um mundo verde ao redor de mim.

Além da planície há borbulhantes florações.

Alteia-se a visão na perspectiva que se cristaliza:
o azul da luz mais ampla, com árvores de névoa.

Flor de claridade vaza nos contrafortes do horizonte.
Obsessão cromática de enternecimento,
lagos de fogo irisam frisos flamejantes,
o vento de prata regressa aos abismos de onde veio.
A noite dispersa nuvens como asas.
O ar noturno exala sinestésias,
orvalhos de aroma.

O ALTAR DO CÉU

No cristalino parque um velho sábio toca o seu alaúde.
Que dorida prece lança pelos ares o mavioso instrumento!
Outros velhotes, trajando bonés e roupas escuras,
riem como crianças.
Que gaia ciência os entusiasma tanto?
Não menos sorridentes,
duas crianças me saudaram com a benevolência dos seus gestos.
Passeio entre quiosques coloridos e pedras recortadas.
Murmura a flora como encantada
e quando a humana música silencia,
um misterioso rumor irradia frêmitos
límpidas torrentes lavam as alturas da manhã.
E quanto mais gemem os ciprestes,
mais os pássaros se agitam por entre as rubras telhas.
Nada como um templo aberto à claridade.
No cristalino parque arejado de eflúvios,
oferto ao Sol o meu próprio pensamento,
oráculo do meu sentir.
Espelho do espírito livre,
um céu todo sem nuvens,
feito de profundidade,
escorre nas dimensões do vazio.

Ritai Park, 27-02-99

INSTANTE NO PARQUE BEIHAI

Um delgadíssimo vento ressumbra na folha lisa.
A primavera chegou nos ventos do Gobi.
Dourada lâmpada pôs espectral vórtice na água.
Sol e lua se correspondem nos dois lados cósmicos.

Momento auspicioso: yang/yin em plenitude.
Os ciprestes agradecem com sussurros a carícia do vento.
Perplexidade sem palavras.
A pagoda é uma jóia que se desvela no jardim de jade,
prodígio de marfim alçado em triunfo.
Repousam os tetos da Cidade Proibida, mágico panorama.
O lago se espraia em ogiva.
No róseo céu, o risco branco de um avião.
Desejo boa viagem aos passageiros.
Pequim, 1/3/99.

BUDAPEST EM SETEMBRO

Apazigüei o turbado ânimo nas polidas águas.
Precipitações transmutaram-se
na passarela que escorre entre palácios.
1000 anos impregnaram-me o espírito sob o panteon dos heróis.
A insígnia da basílica nas mãos do arcanjo,
ouro no esmalte da cúpula.
Já sereno o lume sobre a névoa,
um vitral de antiquário adorna o atrium.
Deambulei sobre a perspectiva,
entre góticas torres, na tarde branca,
bendizando a terra que tem rei santo
e um verde rio que abraça uma ilha-jardim.
A atmosfera lânguida, vogando barcos,
derrama um festival hedonista,
como fluir de flauta e violoncelo em contraponto.
Os sentidos revigorados nos âmbitos imperiais,
vou colhendo quietudes sobre o berço de pedras de Budavari.
Bebo o alento de setembro
e me inebrio de simetrias, fruindo os ares,
envolto em gelos vesperais.
O outono cobre de benevolências o Palácio Real,
arauto de bronze e mármore,
mito suspenso em seu pedestal.
A fonte de Matias, entre outeiros encantados,
lapidário albergando visões!
Que nobreza nas correntes da ponte iluminada!
Em tudo transparece verniz e aquarela,
matizes verde-azuis, miragem de alacridade.

Noção de Deus na música e na delicadeza das formas.

Budapest é uma dádiva do Danúbio.

Budapest, 12.09.98

MEDITAÇÃO SOBRE A TORRE DE LONDRES

O Thames crepuscular semelha um prado,
os barcos se reclinam como animais cansados.

Seu dorso liso espalha fogos violáceos,
gaiivotas vazam a quadratura azul da ponte
que estremece sob o peso dos ônibus.

Ponte azul, estampada de mandalas,
ornada com redes de esgalgos sustentáculos.

E essas arcanas paredes, limadas pelo esmeril do tempo,
quantas conspirações, usurpações, paixões incestuosas assistiram!

E ainda hoje parecem revelar, como fantasmas,
entre os odores e ruídos da turbamulta,
navios cheios de supresas, entre a Torre e a Ponte,
derramando riquezas de outras terras.

Quantos segredos guardam as avoengas muralhas:

saxões enforcados, normandos decapitados,
barões e cavaleiros torturados nos dungeons,

Richard II forçado a entregar a coroa ao primo Henry IV,

Ana Bolena e seu coração sepultado junto a um órgão de igreja,

Lady Grey nas mãos cruéis de Mary Tudor,

Os três Thomas (Cromwell, Cranmer e More)

e outras notoriedades amargando seu quinhão de dor
entre espiões e conspiradores

Traitors Gate ao cadafalso,
diamantes tombando das cabeças coroadas.

Um velho corvo me jurou que viu Thomas Blood roubando a coroa,
e o temerário Guy Fawkers tentando incendiar o Parlamento

e o sanguinários Edward Pantagenet exterminando Llewelyn,

Richard III trucidando os sobrinhos

e Henry VIII, o terror das mulheres,

perambulando da Tower Green à Wakefield Tower.

Quantos destes, hoje aqui sonâmbulos,

foram protagonistas de tais escabrosos fatos?
Talvez apenas os corvos, com sensores extratemporais,
os reconheçam nas passantes sombras...
Restaram pedras, musgos sobre pedras
E o sono ambulante dos transeuntes,
o deambular e os esgares de quem passa,
como passaram William, o Conquistador,
Henry II, algoz de Thomas Becket,
o Cruzado Coração de Leão e o irmão Sem-Terra,
como passam estes hóspedes do tempo,
 comendo frituras e baforando,
passaram os Williams, os Edwards e os Henrys
gravando efígies que o tempo apaga,
sepultando vítimas na Chapel Royal of St. Peter,
rindo e chorando na Chapel of St. John.
Como passaram os Tudors e os Stuarts
-- vultos se delineiam no insólito cenário,
atormentados de ambições mesquinhas.
Restou o velho castelo que viu se sucederem os acontecimentos,
 a transição das gerações,
as pedras onde noites e dias gravaram seus enigmas.
As personagens de outrora sumiram no tropel dos séculos.
Já não há maldições nem torturas entre as paredes da White Tower,
mas o velho corvo não mente:
há fantasmas ao redor das muralhas.
O tempo testemunha tais evidências...
 Ou talvez somente os corvos
reconheçam os protagonistas daquele tempo,
nas paredes refletidos, como almas sonâmbulas,
em sombras que circulam ao redor da cidadela...
 Londres, 14.01.99.

DESEJO APENAS OS PARQUES

Celebro os relevos (victorian gothic) de St. Pancras e o Marble Arch
 com deuses gregos em apenso.
Mas ando cabisbaixo na multidão.
A cidade, fábrica de angústias, fagulha do Tártaro,
 acende a violência das máquinas.
Só nos parques meus olhos se povoam de estrelas.
As árvores são escudos contra o sufoco das exalações.

Não me interessa a Londres subterrânea,
 escadarias e cartazes de cinema.
Nem os maltrapilhos da Picadilly Circus,
gnomos desgrenhados protestando contra o trabalho.
Meus olhos não se fixam nos anúncios nem no arcanjo,
nem no redemoinho de gente na encruzilhada cintilante.
Os filhos do Caribe sorvem ócio, sorvem ópio,
os malabaristas pululam em frente ao Criterion,
a multidão burburinha sob o esplendor dos prédios,
os ônibus vermelhos de dois andares e os taxis pretos circulam.
Os marginais se enleiam na insânia capitalista,
 entre os painéis do consumismo.
Mas se acima dos labirínticos marasmos
um céu violeta visita a relva do St. James Park
onde meu coração se refugia entre gerânios e lavandas,
 emblemas da vida.
Bebo inspiração num viveiro aquático
 entre crianças, pombos e esquilos.
Desprezo as roupas da H&M e os aparelhos da Dixons.
Prescindo dos remédios da Boots e das gravatas da TieRac,
 as vitrines abarrotadas não me prendem.
Quero aves e pessoas comungando na correnteza,
 chorões pendendo ramos lacrimosos,
 vozes de crianças no verde da relva,
 as crianças que Blake, visionário,
vislumbrou sorrindo, entre flores, num dia santificado.
 Londres, 12. 08. 98

THE TOWER BRIDGE FROM THE OLD BILLIGSGATE WALK

Alive into the substance of the wind,
shapes of praise feeding my senses,
the old Tower Bridge --- the two square towers,
 doors to the splendour,
triumphal arch on the foundations of the past,
 floating boats and birds,
I celebrate my winged fellowship with beauty.
Beneath sapphires sky's treasury,
the magic waters, the thrill of the crosses upon the pointed roofs,

up to the high places of the universe,
no one imagines the maze of stairs inside.
The archs of glamour and the Thames Path.

My life transfused with bliss...
I wandered in the desert waste.
Now drinking morning dew,
beholding the wind-winged skies,
the lit waves, river's secret seals,
I invite the poets for a grant of dusty-brown trees.

Clouds as lilies blooming,
streets and squares resplendent of advertisements,
the town life breathing, full of shadows and sounds,
the dockyard glows flow,
the sparkling white-blue unfolds
and alfof the lazy river just shines.
The silver glaze of my fancy, so light of cheer...
If I only could marvel at these wonders forever,
and forever wash my eyelids with the balm of a day like this.

London, 20.09.98

WESTMINSTER BRIDGE

**“Nothing ever could break the or harm
the charm of London Town”.**

Noel Coward

Não se trata de um simples rio atravessando uma cidade.

Um prodígio redemoinha
onde natureza e humanidade coexistem vertiginosamente
na espiral do encontro.

A ponte Westminster concilia os antípodas:
ondulações num tumulto espontâneo.

Não um rio qualquer,
mas um manancial ornamentado com signos de altivez,
representando a insígnia dos poetas,
a exatidão da metáfora e a verticalidade do ideal.

Vê o ouro que emoldura o grande cronômetro,
o desenho impecável dos retângulos
e a sutileza das farpas angulares.

Vê o rio, receptáculo de todas as transmutações,
viajando pacificamente entre cores e sombras.

Escuta: o Big Ben ressoa implacável gongo,

anunciando a eterna fluência das coisas.

TRIBUTO ÀS CRIANÇAS DO GREEN PARK

No Green Park as crianças descobrem que a água é mais nobre
que a solenidade das tradições.

E o festival da inocência ofuscou todo o orgulho patriótico.

Celebrando as bodas do céu e da terra,

a meninada transformou em tobogã a rampa do memorial ao Canadá.

“As a mark of respect keep off the monument”,

recomenda a inscrição lapidar.

Mas as crianças,

porque não se preocupam guerras e nem com dinheiro,

redescobriram a utilidade do monumento.

Deslizando no espelho d’água,

usam a coisa pública em prol da vida,

consagrando-a ao sentido de existir.

Escorre luz dos gestos e sorrisos

e o improvisado brinquedo tornou-se altar do verão.

Atribuindo funcionalidade à coisa inútil,

as crianças, em harmonia com as cores das pétalas,

louvam a água como quem respira, como quem sorri.

Que lição de alegria, diversa da que provém das coisas perecíveis,

nos ensinam as crianças brincando.

Elas estão revelando o segredo da água.

Água que nos dá vida.

Vida que vem da água.

Água bendita, isenta do medo e do desgosto.

NOS PORTAIS DO INVERNO

Os pés úmidos, fugindo das poças d’água,

os guarda-chuvas se esbarrando e não apenas os bancos molhados,

mas os taxis ocupados, gotículas enxarcando tudo,

(polifonia de ritmos nas rodas e nos motores).

O aguaceiro parou de madrugada,

mas o gélido ardor queima os ossos

de quem, ex-boêmio,

viu-se na contingência de deambular dentro da noite.

O tempo se revela menos hostil

quando a cidade se abre em claras avenidas,
mas se às duas da manhã não há quem lhe abra a porta do hotel,
o notívago corre à procura de taxi,
no meio das máquinas que rugem violentamente,
até que alguém, mandado por Deus, aparece
e o escolta da City of Westminster até Islington,
passando pelos relevos de St. Pancras.
Valeu a pena esperar debaixo de um arremedo de dilúvio
e dormir apenas três horas,
até ver o dia dourando árvores e paredes.

AO ENCONTRO DA POESIA

A manhã entardecera antes do meio-dia,
magnética chuva no cabelo de algumas mulheres,
vê-las é contemplar o que há de céu em tudo,
o que há de sal e sol em toda natureza,
aqui como no Atlântico Sul.
Manhã entardecedora no teatro
e depois, no encontro com as musas irlandesas.
Pela St. Martin Lane, o mágico descenso até a Trafalgar Square,
A Ópera Nacional com balcões ornamentados,
o globo cintilante na cúpula.
A torre da St. Martin in the Fields, branca luz mercurial
e a ponte onde o poeta Joseph Martinus, distribuindo livros,
fala da poesia do coração, sob as bênçãos da cidade iluminada.
A caminho do Royal Festival Hall,
sob a aura lânguida dos prédios claros,
escuto os murmúrios do Thames.
A lua prateou os tetos do Covent Garden,
londrina lua de novembro,
poesia viva num fulgor de deleitações,
arejando as colunas do Apple Market.

O AR DOS PARQUES

No ar do parque os seres alados giram
ao redor do remanso lacustre.
Fonte de silêncio de onde a inspiração,
ave branca,

me ensina que os poetas urbanos se esclerosaram
porque já não escrevem na companhia das musas
nem compreendem a alegria dos passarinhos.
No ar do parque um festival de sons expande a revoada razante.
O parcimonioso deslizar dos cisnes, espiritual elegância,
cinge de paz o arvoredado policromático.
O verde vibra na visão sedutora,
e os cisnes, mais alvos que os vestidos das cortesãs,
mais cerimoniais que os embaixadores nas câmaras de recepção,
que nobreza trajam no seu transiente passeio!
As plantas, com suas embroideries,
mais opulentas que os candelabros lustrais,
fariam inveja a George III.
E o céu, textura de primrose,
lembra a legenda da que foi amiga dos sofredores
e percorreu a terra à procura de gente simples,
solidária com as dores do mundo.

PEREGRINAÇÃO EM JANEIRO

Deambulei, as a collector of solemn places,
from the treeless streets around Paddington Station
to the leafy regions of Bayswater.
Deambulei por North Kensington, por Notting Hill,
as a collector of solemn places, pillars, gateways, churchyards
and labyrinthine strands of lanes marked with the hand of antiquity.
Deambulei pela Marylebone Road, girei pela Portland Place,
pela Regent Street, pela Fleet Street e havia prédios ornamentais,
a Royal Academy of Music, a Saint Paul Cathedral,
entre firetrees of advertisements.
Mas o monóxido e o barulho me afugentaram.
Tive saudade das rosas do Regent Park,
busquei refúgio em suas clarividências.
Um pedaço de pão me valeu a visita de 30 pombos
que devoraram meu farnel de trigo.
Em compensação os esquilos rejeitaram pão e banana.
Um lúdico bucolismo me inspirou o playground das crianças
e agora, diante dos boughs of the trees,
the freshness of the grass spread all around,
o lago é um jardim flutuante onde sobrevoam pétalas.
Far from the fretful traffic, instead of pavements

I have the flavour of the grovesand
and I fancy that orchards are abroad in the air.
Londres tem fachadas e relíquias de sempre relembrar:
a Charing Cross, o por-do-sol sobre as pontes,
mas só aqui me entrego à companhia dos nightingales,
neste recanto de janeiro.
O frio me fez itinerante
e até as rosas se ausentaram do Mary Queen's Garden
(foram perfumar canteiros no outro hemisfério,
longe da geada que encharcou os campos e emagreceu as árvores).
Com o queixo e as mãos anestesiados,
enclausei-me entre as vidraças da lanchonete
e me abasteci de calorias.
As rosas voltarão no underground de abril,
disse-me o Tritão em sua fonte.
Voltarão impulsadas pelo sopro de sua concha hidráulica.

KEW GARDENS

Mirando a explosão verde que ressalta como um dilúvio extático,
recolho no âmago a expansão de harmonia que os pássaros anunciam,
bálsamos sensuais e enlevos sonoros que me seduzem.
Chego exânime, peregrino apátrida
e súbito, ânimo renovado,
bebo as promessas deste relâmpago de esmeralda,
inundação virente sobre o Rock Garden, o Woodland Garden
e entre a Gallery e a Palm House.
Não é mais suntuoso o opulento cedro que hegemonícos ramos alastra
que a lânguida tulipa curvada pelo vento,
nem tem mais esplendor o espelho em frente a mansão
(os flamejantes frisos ondulando)
que a magnólia exalando o seu lilás sobre a relva.
A estrada de veludo alonga-se num encantamento...
trazendo à precária vida humana um minuto de eternidade.
Os cachos de róseas primícias, cromáticos refrigérios,
do céu irradiados,
como deleitam as retinas e o coração,
íntimos da aspereza, e os sentidos,
infensos aos austeros ofícios da vida!
E como lava a alma de cristalina saúde o ar que aqui se respira!
A fonte dos mais deleitosos aromas

tornou supérfluas as lojas de perfume!
O prodígio de satisfação murmura na folhagem,
o festival de vida emerge dos monumentos de folhas,
maravilhosamente plantados,
disseminando miríades de serenas sombras.

FROM OVER THE SALISBURY CRAGS

Divisar as luzes oceânicas,
as montanhas que a mão divina coloriu,
os istmos e a ilha imersa na distância.
Ovelhas como pérolas na alfombra de relva,
o enxame de pássaros, um círculo de grãos no ar.
Viaturas voejando num mar sereno, fluindo entre jardins.
Subir aos píncaros da fortuna, olhos postos na visão sagrada.
Aglulhas de esmeralda espetando o vento.
Auriverde manto nas camadas do relevo.
Estabeleci-me no observatório das águias.
Há um lago de fogo na planície das nuvens.
O borbulhar do Clyde me acompanha.
Ouro no mar, arquipélagos de espuma,
ondas extáticas na cerração.
Nave de cristal repousa entre pilares.
Coroa de pétalas ardentes.
O ágape dos deuses sobre as torres.
Vem o vento com glaciais perfumes,
vazando castelos de eternidade.
O coração se inebria com o gado nas herdades,
com as efígies do campo marinho.
Lavandas nas estâncias florais.
A bruma esparsa germina azul.

LOFTY TOWERS LOST IN MIST

**“I sit within a blaze of Light
held high above the dusky sea.”
Robert Louis Stevenson**

Depontam entre as heras velhos castelos cingidos de mistério.
Contemplo esses santuários manchados pelo tempo,
as muralhas envoltas na névoa,

ostentando heráldicos ideais.
O panorama fluido envolve as High Lands,
o coração canta em todos os planos da cidade.
Espêndido vislumbre, o castelo incrustado no rochedo,
as torres cingidas de relva:
o enigma das velhas pedras.
O lustre da verdade, um relógio de flores
entre pilares e pórticos na esplanada verde.
A cidade, uma academia de efigies,
castellum est urbs,
lacrimeja nos jardins da Princes Street.
O estrídulo dos trens, com ar de nostalgia,
me mostra Stevenson saudando o Lamplighter Leerie.
The sun has left the sky,
the Light-Keeper holds his vigil na idade iluminada.
Montanhas se debruçam sobre a imensidão.
Ressonâncias longínquas nos altos jardins
sobre a expansão do mar.
Palácios e torres brotam à flor do vale.

LEMBRANÇA DE DUBLIN

Guardo a memória da cidade envolta em névoa.
O Liffey de águas escuras e reflexos coloridos,
o espírito dos poetas sobrevoando a tarde.
Guardo a memória do Trinity College e da National Gallery
que Dublin exhibe como jóias.
Igrejas de pedra cinza, paredes, tetos e torres, cor do granito,
realçam a tonalidade do céu.
Atmosfera de vapores frios, incenso em tudo,
a cidade a sonhar com os poetas melancólicos,
debruçados nas pontes entardecidas.
Havia prenúncios de mar no grito das gaivotas.
O sorriso dos parques aparecia de súbito derramando aromas.
Tudo respirava um ar de nostalgia.
Do Phoenix Park se avistavam as alturas de Wicklow,
perdidas nos confins...
Sob o antiquário das pontes ornadas de lampadários,
o Liffey na escura correnteza...
Foi o próprio outono que precipitou a tarde,

gelando as passarelas de comércio e o coração dos dubliners?
Os bêbados e os poetas deambulavam no vento
que suscitou as imagens das relíquias:
a foto de Oscar Wilde, cabelo repartido, devasso genial,
os óculos da Lady Gregory,
o manuscrito de “Crazy Jane meets the Bishop”,
que Yeats escreveu em Coole Park.
A casa de James Joyce, o charme dos portais georgianos,
o jardim dos que morreram pela liberdade.
As mulheres de olhos verdes da O’Connell Street...
Tudo isto guardo em mim profundamente
como quem recolhe o bálsamo da água,
como as aves lacustres fluindo,
como o verde das árvores do St. Stephen’s Green.
Tudo quanto hei de guardar comigo para sempre.
15.08.98

CUESTA DE LA VEGA

Sigo por las calles soleadas,
mis altares están más allá de las iglesias,
mis amores son una religión de alegría,
un alzarse en escaleras hacia los jardines.
Cuesta de la Vega, el patio, no el claustro,
los alrededores arbolados, aparición de Almudena.
La poesía, mi catedral poblada de espíritus,
nace con el día oreando pared y techos de viejos santuarios
y hay otros templos azules por encima de las hojas.
Si hay armonía celebro el Dios de la Vida,
los poetas son los oficiantes de mi culto,
los asientos de los parques son mis confesionarios,
las encinas son mis iconos,
las retamas, mis ostias.
Me quedo adorando almendros y ruiseñores
mientras tardan las horas.
Hasta las ovejas humanas me complacen
cuando me voy por el paseo del Rey.

MOSAICO MADRILENO

Las grandes ventanas con balcones,
la fuente de la Cibeles,
poesía por las calles, quiero a Madrid con el alma.
Puerta del Angel abierta a las potestades femininas,
embrujos en la mirada, tarde clara de otoño madrileño.
Azulejos con efigies de Lope y Calderón,
reliquias en retablos, gloria de los penitentes.
Iglesias en cruz sobre suelo de silencio.
Quiero a Madrid con el alma.
Cojo un autobús lleno de expectativas visperales.
España, espera por mi, mientras el ajeteo de muchachos y mozas
calienta el frescor de los soplos del invierno.
Quiero a Madrid con el alma.
El mendigo ebrio que canta flamenco en la Plaza de Santa Ana.
La inquietud agita la tarde en Manzanares,
en el portento del Palacio Real, en el Campo del Moro,
en el Huerto de Castañeda.
Quiero a Madrid con Cibeles y Neptuno,
apoteosis hidráulicas transbordando en redondel.
Quiero a Madrid con Benavente en las doscientas pesetas y en la Plaza.
Ráfagas de coches, Paseo del Prado, eje arbolado
con raíz en el Retiro.
Ya no hay aguazales, pero aun queda un olor de acacias
que ilusionaba Gomez de la Serna.
Llego de ultramar, la tarde cuelga de las torres.
Calle de Alcalá, golondrinas pregonando.
Callejuelas sinuosas, verbena y plaza recoleta.
Olá, buenas! grita el camarero.
Puerta del Sol, horas que nunca se apagan.
Madrid de los portales, aún capaz de enternecerse.
Quiero a Madrid con el alma.

ARAGEM DO EGEU

Com algas e sereias o mar tece flores crepitantes,
compõe a natureza ígnea dos seus altares.
Na liturgia das espumas, hierofante dos ventos,
matiza as coisas de mistério.
Ponho os olhos no enigma,
o mar se fez templo de mutações,

escondeu os Titãs nas profundezas,
imerso nas formas encantadas,
deitou-se na própria vastidão,
sobre as ruínas do mito.
Fito as luzes álacres: púrpura na textura.
Revelam-se navios imaginários.
Nos logradouros náuticos,
esmaltes de todas as tonalidades reverberam,
fluindo a gema verde-azul da correnteza.
Meu caminho é fluir com esse aqueduto,
vertente sobre a relva lisa.
Meu caminho é ver o mar por entre a cerração.
Gigante debruçado sobre o próprio dorso,
a dimensão maior de mim.
Voejo no cromatismo diamantino,
no lençol líquido das escadarias.
Veloz como a noite, singro a ondulação dos longes,
com todas as distâncias no coração.
Odisseu de périplos ignotos,
quando aportarei no dia sereno?
Quando conhecerei a metafísica das esferas,
a aritmética dos números acústicos?
A nave atormentada, quando há de ancorar?

SOBRE A MONTANHA VITÓCHA

O olhar aprende lições de vastidão:
perspectiva onde o espaço é nuvem.
Sobre as grandes pedras deleita-me a feição da miragem,
refrigério, santuário e fonte.
Indelévels contornos.
As nascentes de luz transbordam exuberância.
A sombra de uma nuvem cobre a aldeia.
Forma que se espraia na sucessão de planos,
até sumir no abstrato.
Mergulho a visão nos degraus do vale.
As sucessivas plataformas se aprofundam na distância.
Montanhas diluídas em curvas de água verde.
Caminhos se fluidificam.
Pedras e crateras se dissolvem na penumbra.
Tudo fala do transitório sabor de viver.

Acompanha-me translúcida metafísica:
o enigma das coisas intemporais.
Em que sorvedouro imerge a substância do momento?
De que nascente borbulha a proliferação de tudo?

MEDITAÇÃO NO MONASTÉRIO DE RILA

Cravada no clarão das geleiras,
clausura de prodigiosa torre,
semelhas a réstia de esperança que me reconforta.
Há um crescente de primavera nas encostas escarpadas.
Silêncio nos domínios florais.
Nas brenhas montanhasas, os monges renegam o mundo.
Buscam na dignidade das pedras a verdade que os norteia.
Qual cenobita sequioso de um lugar de êxtase,
onde não atinja febre de remorso
e nem corroa hostil degradação,
sou o peregrino que espera os auspícios de Deus.
Demando a paz dos lumes misteriosos
que acendem cristais nas gradações do azul.
Araucária de fluida esmeralda,
nevados que o sol alumbra em rasgos de claridade,
eis-me aos pés de vossa majestade:
sou o rapsodo sem pátria
que se converteu `a religião da natureza.

ALTURAS DE BOROVIETZ

Delicadeza nos filamentos de veludo,
musgo vivo nos ramos ascendentes,
as finas mãos vegetais oferecem vida aos mortais do mundo.
Contritas como eu e unguidas de alta verticalidade,
sorvem a luz do céu escampo
para distribuí-la aos seres viventes.
Do seu benevolente trabalho só os sábios têm consciência.
Todos os homens se deleitam no ar mais rarefeito,
mas nem todos comungam na paz da vegetabilidade irmã.
Só os que têm sede de luz podem penetrar no coração universal.
Como a folhagem que se congrega sobre a brancura do vale
e como o lago que azul se reclina,

entregue aos matizes de todo espectro,
também o espírito pode se expandir na floração do bem.
E fulgurar no espaço infinito,
na circularidade absoluta
e na glacial pureza etérea.

A RIQUEZA DA TERRA CEARENSE

No mundo não vi riqueza como na terra onde nasci.
Terra beijada de quebrantos atlânticos,
onde se vê o pulular de espumas em campo de águas verdes.
Estrangeiro fica hipnotizado à beira-mar,
enfeitiçado pelo marulho, pela dança das ondas buliçosas,
pela expansão de luz acendendo as tardes.
No primeiro mundo ninguém come moqueca
nem peixe a delícia,
não bebe água de coco, nem cajuína,
nem toma sorvete de sapoti.
Nos hotéis de Europa, que cafezinho minguado,
manteiguinha racionada com pão dormido!
Se estrangeiro conhecesse a mesa farta da tia Áurea...
Se ouvisse as histórias do folclore que Florival Seraine contava,
se tivesse conhecido Argos Vasconcelos,
que sabia qualquer detalhe da vida dos imperadores europeus,
se aprendesse com o professor Chico Matos
a terapêutica flora cearense,
teria uma idéia da fortuna cultural do Ceará.
O New York Times tem grandes cronistas?
Quem ouviu Jáder de Carvalho deitar cátedra numa cadeira de balanço?
Se a França tem Chateaubriand, Victor Hugo e Balzac,
eis aqui três Zés que marcham com eles ombro a ombro:
Alencar, Albano e Alcides.
Diante do esplendor espiritual do Ceará o primeiro mundo é de dar pena.
E que inadaptação à luz ...
Gente que não aguenta um banho de sol...
E que riqueza triste: só os cachorros tem por amigos nas terras frias.
Só quando vem ao Ceará
é que passeiam `a sombra arejada no calçadão da Praia de Iracema.
Sabem o que é filosofia?
Quem já viu prosa como a dos malandros da Praça do Ferreira?
Uma tarde de conversação com Mário Gomes,

Zé Mário Dias, Temóteo Cavalcante,
mostrará o que é grandeza de espírito em forma de humildade.
Viajei em sete mares, no mundo vi prodígios e tesouros.
Não vi riqueza humana igual à da terra em que nasci.

MADRUGADA SUBURBANA

Percorri meandros noturnos de becos bolorentos:
vi fantasmagóricas sombras no asfalto esburacado.
Sobre os monturos do destino,
criaturas soturnas que a madrugada guarda.
Sob o véu do torpor,
criaturas expostas ao demônio da violência,
vagando na penumbra,
nos desvãos lúgubres das calcadas do tempo.
Viajantes a esmo, passageiros do inferno, trôpegos,
cruzando os semáforos de Caucaia até a Aldeota,
entre as avenidas Francisco Sá e Leste-Oeste.
Ruas como afluentes de pedra e poeira.
Vi os meandros noturnos da vida suburbana,
e os filhos da noite, bichos sem dono,
a vagar como eu, em busca de aconchego e paz.

RUAS DE ALDEOTA

Caminhando no mormaço das tardes,
a barba por fazer como em outras tardes
que agora me vem com os espinhos de recordar.
Magoado das horas em que passeio entre melancolias,
vivendo assim desde que me feriram estas emoções,
carente do antídoto da saudade,
aquele gosto de pitanga que me conduzia ao jardim,
um bálsamo transitório me garante o enlevo.
Ah no tempo em que eu perambulava à toa
eram as ruas sem asfalto e a vida sem cuidados.
Depois veio a semântica dos temores,
o tumulto das sensações.
Trilhei ínvios roteiros e cultivei papoulas de ilusão.

Súbito, numa rede de sonhos
lamento o meu destino nômade
e antecipo as tardes cálidas de hoje,
rendido ao que fui,
querendo ser o agora pleno de antes e de amanhã.

MEIO-DIA NO SERTÃO

Tem cupim de asa na fazenda e não choveu:
o calor esturricou as ribanceiras empalmeiradas,
os matagais estão da cor da terra,
gado muge de sede na capoeira.
O vento de novembro arrasta as nuvens
para despejá-las no mar.
Palha seca sussurra no mormaço,
o ar quente secou as cacimbas.
Só na boca da noite as plantas gostam de beber.
O caboclo descança a sombra do tempo abrasado.
Estranho como a água escorre
e desaparece que nem dinheiro de pobre.
Mas a chuva de súbito inunda tudo
porque há fonte em toda parte: céu, ar e terra.
Mas dinheiro é escasso,
depende de patrão que abusa da força humana,
e quer secar o homem feito rama de capim.
Um tempo assim faz meditar no destino.
Silêncio clama no rigor da hora.
Marmeleiro sem folhas espera algumas gotas,
os capotes se alucinam em algazarra,
um bando de aves escuras redemoinha lentamente
e se esvai sem deixar vestígios.
O vento rumoreja no folharal,
brinca nas palmas tremulantes.
Os lençóis brancos do céu se dissolvem.
Os cajueiros exibem ouro nas frutas.
O sanhaçu faz festa pelos galhos.
Silêncio crepita ao cálido sopro do meio-dia.

NOITE DE INVERNO EM SOFIA

Sobre uma ponte desolada como o meu coração,
cai a névoa tenebrosa que escurece o hemisfério.
Pessoas caminham de mãos nos bolsos,
tiritando de frio, como eu de saudade.
A lua tarda e a neve cobre a rua.
O frio é um fogo invisível,
queima de angústia o meu pensamento.
As pessoas que passam nada sabem da poesia que salva o mundo.
Não conhecem os bardos visionários,
nada entendem das artes que encantam a vida.
Pobres criaturas que não viajam no país do imaginário,
nem sentem o fraterno anseio da comunhão.
Os passantes, mortos de frio,
andam resvalando no chão polido de gelo.
E nada mais sabem de si nem da natureza e nem do destino.
Na noite de árvores desvalidas
passam as lembrança dos poetas.
A dor da solidão me atacou o lombo
e recordo um velho companheiro, que de tão gentil,
sabia curar com mãos de alquimista
essas dores que nos pegam de repente.
Onde andarás agora o amigo invisível?
Onde andarão os poetas,
tão ausentes e tão próximos,
tão perdidos no tempo e tão presentes em mim!

PLOVDIV

Na miragem dos nevados um rio de várzeas esconde antigas glórias.
Alada vegetação que o inverno envelheceu.
Fantasmas rochosos que o tempo sepultou.
O vale se perde nos confins.
Dir-se-ia que as almas dos deuses vagam no céu.
Até os imortais lamentam a melancolia das nuvens
e como assombrosos vultos rastejam na vastidão da campina.
No meu enlevo a paisagem suscita perspectivas de mar.
Meu imaginário veleja e se expande aos quatro ventos.
À procura de êxtase,
peregrino dos vórtices do espírito até os vértices da terra.

Dos domínios da temporalidade `as fronteiras do Eterno.

PÉRGAMO

Adentrei os pórticos de brancos monólitos.
Propileus em que me consagro aos arcanos.
Alturas onde a perfeição realça.
Adentrei estâncias da mais arejada fragrância,
na via sacra do meu fascínio.
Nos altares há rumor de vozes imemoriais.
Ecos do tempo em que lutaram deuses e gigantes.
Cativo dos santuários de mistério,
com esses destroços de mármore,
mausoléus, muralhas e palacios de colunas coríntias
pilhados por bárbaros e terremotos,
quisera erguer com degraus de luz
o templo imperial de meus alumbramentos.
Do que restou do anfiteatro e do manacial sagrado,
do que restou da cidadela encantada,
e do Asclepion onde Caracala se fez Novo Dionísio,
hei de erguer, na alvura das nuvens,
a fundação mística dos meus ideais.
Pérgamo, 19-04-98

FRONTEIRAS DO OLHAR

Entre arranjos florais passem rebanhos entardecidos.
Consiste nisto a minha fortuna:
coleccionar azulejos de magia
e contemplar jazidas marinhas.
Minha riqueza, as pedras preciosas do verão.
Cerâmica transcendental.
Meu coração canta nos canteiros,
transborda cântaros de fantasia.
Sorvo aqui e alem os cânones minerais,
inalando as doutrinas do vento:
adamantino clarão, alimento de suavizações.
São estas as riquezas que me sustentam:
vinhas de ágata, outeiros de berilo,
cerúleo golfo, rincões virentes,

seara de sortilégio.
Respiro a salvo e tenho o meu quinhão de certezas.
Alado bando enche de amores a paisagem,
manso camponês cultiva a gleba.
A cachoeira de hipocampos flutua na laguna
e nos vergéis do meu repouso.
Abençoada vertente vesperal.
Essência solar nos altares do espaço.
Bizerte, 11-04-98

LEGENDA DE CARTAGO

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia.
E os homens pasmos diante dos cafés.
Túnis espraiada de alvura matinal,
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.
E como brincava na praia um menino escavando a terra,
animalzinho alegre saltitando na areia!
E como eu me abismava na vastidão
recolhendo as coisas do azul!
Cartago, esfinge de cinzas,
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,
infensos a sanha dos saqueadores.
Perguntavas sobre as guerras púnicas,
enquanto eu via Cartago em meu âmago.
`A sombra dos meus encantamentos,
fragmentos de sua glória esquecida.
Hoje que me recolho sob um céu aziago,
os filhos da floresta perguntam por ti.
Viaja com Deus, dizem-me alguns,
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.
A chuva me alcançou na estrada.
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.
Pilares visionários do meu templo,
tapera das minhas utopias.
Não há esplendor na face destas metamorfoses.
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.
Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcáreo,
vândalas vibrações.
Além, a imensidade, lívidas branduras,
luz nas escarpas sagradas.

ÉFESO

Reverencio o atrium de gloriosos despojos,
a linha de pórfito, as riquezas devolutas
e os bouganviles embalsamados.
Opala e lápis-lazulina planície de matizados relevos.
Imponderáveis tesouros:
fabuloso Odeon na encosta perdida,
os pórticos de minha origem,
Artemis e as Amazonas no pronaos de Seraphis
e Hermes de potente caduceu,
prócer do silêncio na casa do saber.
Em tudo há signos de devoção,
reminiscências de êxtase.
Inscrições nas cavernas e no arco-íris.
Em tudo há símbolos da vitória do tempo
(e do flagelo dos godos e das hordas de Justiniano,
que usurparam os pilares de Artemis
para plantá-los em Constantinopla).
A intemporalidade jaz em todos os recantos.
E ainda splende o mármore dos heróicos dias.
Éfeso, 20-04-98

ISRAEL

Água e vento transmudando as formas,
simetrias recompiladas em cores e arcos.
O algarismo da terra e o aqueduto marinho
onde a face de Deus se recompõe.
Tudo será pedra na raiz do tempo.
Muralhas sobre ruínas formando escadas de futuro.
Palácios de convicção sobre escombros de ódio.
A cidade rebrotando como árvore.
Candelabro de dolomita na chama das oliveiras.
Dispersos degraus, torres ideais
onde habita o pássaro das tempestades.
Tudo será pedra na raiz do tempo.
O jardim dos abismos no coração das falésias,
lâmpada de amplidão na noite das origens.

Memória de ausência, perspectiva que declina.
Da porta de Damasco ao Mausoléu de Absalão.
Da muralha de Herodes `a Porta das Imundícies,
do Muro das Lamentações aos terraços de palismsestos,
tudo será pedra na raiz do tempo.
Os minaretes de Suleiman sobre o templo de Salomão.
O oásis de Jericó, as palmeiras da fonte de Eliseu.
A montanha das tentações incrustada de monastérios.
O beduíno e as ovelhas.
O Lago Tiberíades aureolado de gaivotas.
As aves do céu, a carruagem dos profetas
e o que restou de Cafarnaum,
tudo será pedra na raiz do tempo.
Só não será pedra o louvor das beatitudes,
o conforto das bem-aventuranças,
a claridade do templo e o segredo da luz.

LES PRODIGES DE PARIS

O Panthéon, glacial scaphandre, depois da chuva,
vestindo um véu de fantasia,
os próceres envoltos nos sarcófagos.
As ruas românticas,
um panteon de cinzas nos arcos de Notre-Dame,
a delicadeza dos portais, a formosura dos lustres e capelas,
Santo André tréssaille de joie à la vue de son supplice.
Pont de Grenelle, os acordeons derramam neblina
sobre um canteiro de salgueiros,
lívidos nevoeiros cobrem os santuários.
Das torres esguias se divisam as apoteoses.
Pont de l'Alma, la Seine c'est l'âme des ponts.
A Igreja Real des Invalides, memorial de suntuosos mármorees,
a dourada cúpula, os heróis dormindo sobre suas vitórias.
O arcabouço da Torre Eiffel elevado em suavizações.
Pont Alexandre III, com arcanjos eqüestres
(centauros de frisos dourados),
candelabros esmaltados de tons alegóricos,
les Nymphes de la Seine, les guirlandes et les reverbères.
Pont des Invalides, Artemis sentada entre escudos,
Dâmocles impávido, um arcanjo com coroa de louros.
O sol poente nos pequenos Bacos, ébrios de luz,

cantando em ciranda, enquanto Eurídice espera Orfeu,
brandindo encantada lira.

Victoire Maritime, Victoire Terrestre,

mágicos contornos de colunas,
les grands écussons à tête d'homme,
entourés de drapeaux en faisceaux.

Alimento-me destas ambrosias visuais:
deusas de bronze irisadas de brisa, lírios e torres.

Pont Mirabeau, caminhos de Apolinaire

esmando, ensimesmado na passarela
onde recolho trinos de pardais,

idílios crepusculares, fantasias molhando as árvores,
ninfas aquáticas com tochas delirantes.

Madrepérolas nas linhas de Bir-Haken.

Depois da chuva, perspectivas de clarividência,
céu de benevolências, flano ao largo do Sena,

les bateaux exposent leurs couleurs au long des embarcadères,
as folhas do outono se precipitam,

o vento inspira o vôo das gaivotas,
os barcos dormem sob os arcos da Pont Neuf,
vórtices no relevo d'água.

A urbanização se perde na névoa além da muralha do Louvre,
os verdes jardins da Escola Militar e do Champs de Mars.

As harmoniosas linhas estruturais da nave de St. Germain de Prés.

Os edifícios cantando: polifonie de gaieté aux carreaux brillants.

Mirava uns pedestais de alegoria ou de alguma cortesã,
os pés se me resvalaram em pastoso dejetos,

Paris dos cachorros das mesdames

où tout le monde cherche le plaisir et personne ne le trouve,

Paris des hypocrites, des débauchés, des cambrioleurs,

de l'élégance monumentale du Petit Palais, du Grand Palais,
des muses qui s'envolent sur les portails.

O quai St. Michel e seus livreiros indolentes.

O Marais, as engrenagens do Centro Pompidou

contrastando com a velha Tour de St. Jacques,
reliquia marcada de cicatrizes.

La nuit qui tombe, soleil noir,

o obelisco no epicentro da Madeleine,
colunas jônicas espelhado-se na Assemblée Nationale,
no outro extremo da Place de la Concorde.

A cúpula esmeraldina do Opera,
Académie nationale de Musique accroupie sous le ciel,

la pompeuse façade néo-baroque.
La plaine des sablons sur les deux rives,
Luxembourg, Tuileries, Parc Monceau,
les deux bois, le cerisier, le prunier, l'amandier,
o Boulevard des Batignolles,
les estaminets de Nerval errante a escrever pelas ruas,
no Café Divan, rue Le Peletier, la butte, carrières de Montmartre,
já não há cabras comendo acanto nos ilots verts,
le coteau a perdu tous ses ceps,
il n'y a que l'oeil fier de quelques filles.
Les pierres ont devoré la plaine de St. Denis.
Os mármoreos do Sacré Coeur animando as tenebras,
alvos óvalos bizarramente bizantinos.
Do quartier Saint-Honore, noctâmbulo impenitente,
o poeta peregrinava até o atelier de Théophile Gautier,
não sem antes visitar os cafés de la bohème,
o impasse du Doyenne, no quartier du Carrousel,
até a glacial noite trágica nos Halles, rue de la Vieille-Lanterne
qui s'enfonce sous la place du Chatelet.
Atmosfera de vapor de álcool nos cafés do Bréton.
L' ilê Saint-Louis, onde Gautier fundou o Club dos Haschichins.
O jardim du Luxembourg das festas galantes verlainianas,
"les grands jets d'eau sveltes parmi les marbres".
O Quatier latin onde Verlaine bebia absinto
e pensait ses douleurs e onde um canalha tentou roubar-me a carteira.
O taverneiro da rue de la Huchette
que se exasperou com um vieillard qui nourrissait les pigeons
Il faut consulter Dr. Lacan, on ne peut rien toucher,
on ne peut pas s'asseoir où l'on souhaite,
les habitudes militaires de grosses bêtes, dirait Baudelaire.
Faut-il ressusciter M. Robespierre?
Faut-il fonder un commerce et s'enrichir?
(Du profit avant toute chose, diria o cambista da Champs Elysées).
Paris grotesque: o doido que dá chilique esmurrando a janela do metrô,
o outro que se alegra num monólogo ininteligível.
Paris pantomime, nonchalante et farouche,
orquestra de câmera na station Chatelet,
luxo nas boutiques e confusão nos boulevards,
Champs Elysées florida de eletricidade,
a multidão flanando com fardos de consumo,
as vitrines incitam a insônia dos transeuntes.
O Arco do Triunfo, feérico farol à la trainée des voitures,

noturno fantástico no écran do carrilhão flamejante,
hieratismo espectral na silhueta das árvores,
frêmito nos candelabros sobre os arlequins,
auras de rutilância partout, mesmo o clamor de la vitesse
sugere certo charme sous l'ombrageuse lumière.
Cité palimpseste sur laquelle les poètes superposent leurs ratures,
hantés par les pavillons, par la palpitation de vie,
par les entassements ciselés onde deposito minha oferenda,
Paris maussade des errances nocturnes,
capitale infâme, cuja lama Baudelaire transformou em ouro,
quai d'Anjou, hotel Pimodan, as brisées do poeta,
“soirs de brume autour des reverbères”,
les arcades du Palais Royal, les terrasses de Montparnasse.
Place Dauphine, Paris superlativa e obsedante,
faubourgs et quartiers, splendeurs et scories,
Paris des échappées de lumière, Paris de ma nuit consolatrice.
Les rues grouillantes de vie, les tisons de carrefours,
la grisaille des faubourgs.
Paris em que viajei no túnel do tempo até a mansão de São Luís,
guerreiro místico, Tour du Village,
chuva lavando a muralha de pavilhões coroados,
chuva lavando a cruz e a pedra que nem os séculos desfiguraram.

NAPOLI

A alma que tenho carece de golfos,
cidadelas, arenas com muraturas, arcos de mármore,
fontana dell'Immacolata,
Santa Lucia in riva al mare.
Como viver sem o transporte das contemplações,
sem o sentimento de infinito espaço,
prenúncios de esperança no porvir?
O espírito que sou é uma catedral:
candelabros e pilastras erguidos num horto.
Refugiei-me na Vila dos Mistérios:
insígnias, esfinges, planícies de ouro,
o mar inflamado entre as colinas.
Além dos umbrais vesuvianos,
fui saudado pela profusão dos laranjais.
Vi os barcos dormindo no círculo das águas
e já não sou triste.

Vi os faróis do golfo, escombros e relíquias,
púrpura nas alturas.
S.Paolo Maggiore incorporando o altar dos Dióscuros,
archi sorretti da colonne in marmo,
celle conventualli scavati nella roccia.
A alma que tenho bebe o vôo dos pássaros,
passeia na topografia arqueológica,
ressuscita em mim as divindades marinhas.
A recordação de um tempo luminar transita nos pinheiros,
forma um crescente na costa, sob os vapores da cratera.
O mar ungido de nevoa, de Fortaleza Gaeta e scoglio di Nisida.
Despojam-se os restos petrificados do colosso.
Pompéia oculta em basalto e arte musiva,
redescoberta em tavernas, pilastras,
labirinto e fontana.
A cruz das torres sobre os muros de Apolo.
San Francesco de Paola ressuscita um morto.
Castel dell'Ovo si svolge i resti di San Salvatore
le celle conventualli scavati nella roccia.
Capo Posillipo che placa il dolore,
a inscrição de Atena na Porta Capuana.
Do templo de Zeus surge a Chiesa dei SS. Apostoli.
Os faróis do golfo sob o influxo da Estrela da Tarde.
Castelare di Stabia, Capo Minerva,
Via Marechiaro, Borgo Marinaro,
consagrem-se estes canoros nomes!
Quem pode viver sem a visão do mar?

SORRENTO

**“Vide ò mare quant'è bello!
Spira tantu sentimento.”
Ernesto de Curtis**

Sou transportado nas asas da música
como um barco vogando em tarde azul.
Encantou-me a esfinge dos mirantes,
era a voz das filhas do mar per tutto l'arco della mia vita.
Partenope transformada em rochedo
mirava o mar do promontório.
Singrava o pomeriggio,
batel de saudade.

Partenope buscava Perséfone nos jardins entre os escolhos,
o olhar imerso em seu rastro incandescente.
Tesouro oculto na cortina de nuances,
 a lâmpada marinha.
Vanta un aria ove siede il mar pestano.
Porta dell'atrio dei giganti,
 a imensidade azul,
sinuosa efusão de sombras e cores,
Virgílio oferece a Vênus um amorino votivo.
Torquato aqui trova refrigerio,
a ogiva do infinito acende a grota do mundo.
 Sobre a scocesa roccia,
fluindo límpidas estradas, alçada em triunfo,
Sorrento assiste a luz do mar sereno.
Monti sireniani, jardim das sereias,
um navio talhado em alto relevo.
A vegetação dos pavimentos germinando na pedra cinza.
Stanza d'allegoria su alti ripianti ad allietare il cuore.
 Facino della sponda,
 Incantesimo, tramonto.
Fortuna de um tempo de aura serena,
pareceu-me ouvir a voz de Tasso:
"tacciono i boschi e i fiumi,
e'l mar senza onda giace,
ne le spelonche i venti han tregua e pace".

ALEGORIA ITALIANA (OU OS ITINERÁRIOS DE DIONÍSIO NA PENÍNSULA)

A Hélio Povoas Júnior

Depois que a Sibila desvendou-lhe a sorte,
consolou-se Enéias com os refrigerios de Baco.
Sagrou-se o Fauno cujos filhos foram reis do Lácio.
Com Sileno, Baco perambulou os montes de Alba Longa,
antes que Sêrvio Túlio, o etrusco, muralhas edificasse,
onde ébrio, depois, o estrepitoso séquito gravou efígies
 e luxuriosamente, bailou.
Ressonâncias inda se ouvem,
a voz do mar inflamado entre os penhascos...

Quando Apolo burilava os caprichos de Firenze,
bodes já sacrificava o toscano arúspice.
Esplendem dons de Delfos nos esverdeados frisos simétricos
e no noturno fiorentino Michelangelo tomou Apolo por Davi.
Mas os dióscuros pendiam dos peitos da loba
e já Dionísio adentrava o Canale d'Otranto, rastreava os Apeninos
e saciava a sede nas geleiras de Sondrio.
Pela mão de Giotto Apolo fez os capolavori da Capella degli Scrovegni.
Fez arcades harmonias em Pisa
e o Duomo de Milano, sonata cromática,
guglie e pinnacoli protesi verso il cielo.
Mas Dionísio orlou de verde o vale do Arno
e ungiu de dons a colina toscana.
Os sátiros de Boccacio gritam na Piazza Signoria,
onde o falastrão tebano farreou com Sileno.
Caravaggio o viu adolescente,
transbordante o cântaro nas bodegas da Ponte Vecchio.
Cantava fábulas pastorais no jardim dos Médicis.
Tiziano Vecellio espreitou o frenesi das Menades,
poldras que o lavrado jugo largaram.
Foi Dionísio quem desenhou as épuras da Domus Aurea
a Via Apia, o Coliseu, a Fontana di Trevie,
as Termas de Caracalla, a alcova mortuária de Adriano
e os hotéis sem calefação.
Solo un poeta davvero originale
poteva aver concepito una metropoli incasinatissima.
O cortejo bacana reencarnou nos carabinieri,
nos gladiadores que vendem sorvete diante do palacio do rei Vittorio,
nos taxistas que cobram acima da tabela e dão troco equivocado.
Nunc Roma est, nuper magna taberna fuit.
No execrado bátrato não se achava Baco
quando Dante com Virgílio ali desceu.
Alegrias não cabem nos estatutos do Limbo.
Longe dos clérigos avaros, dos hipócritas tristes,
passeou no Horto dei Semplice
com as Driades de néctar perfumadas, comeu as uvas do festim.
Baco ainda governa dos dominios do Po
e mais além: dalla Sicilia fino in Piemonte.
No Campo dos Milagres,
hedonista flana, Pomona de fartos pomos o acompanha.
No Castello Sforzesco colhe racimos e baila com Lucrezia Borgia.
Grita no bar da Stazione -- un capucho! Un capucho!

Um sátiro informa errado aos viajantes o número do binário,
muda o horário do trem no último minuto.
Em Verona, suavidade de madrigais,
o filho de Semele fez a Arena -- um ditirambo de pedra
e deambulou nos remansos do Adige.
Navegou o mar de Gênova, o afolivo das aves,
as montanhas selvagens e o sonho de Cristóvão Colombo.
Dissoluto incontinenti,
largos haustos libou nas tavernas de Murano,
promoveu un ballo in maschera,
cantou com os gondoleiros, lenço rubro ao pescoço,
vortice de allegro vivace
tangenciando as pontes, a purpura dos Doges,
o bulício do mar e as mirações da Via d'Aqua.
Viajou entre as pedrarias de Capri.
Soprava conchas na cabeleira das espumas,
soava tímbalos com impetuoso delírio.
Ainda recolhe dotes para o Sinodo Timelico:
por 200 dolares conduz os turistas ao Vesúvio,
uma vareta os ajuda na subida à cratera.
Banha-se no Averno
e queima insenso sobre os precipícios.
Verte diamantes líquidos na Grota Azul.
Com mágico tirso planta vinhas de orgia,
faz reverdecer o mirto,
insígnias e casas emergindo sobre tumbas.
Desregramento a Liberalia em tudo inocula:
os descabros da Calábria,
o trem de Palermo repleto de palermas,
o cortejo que canta le nefandezze,
misero pasto delle passioni,
debolezze, viltà, palazzi provinciali abbandonatti,
una bella grotta de salame, etc.
Dionísio foi hóspede de Falernus na Campania.
Da lira de Febo deleitou-se Horácio,
mas nas adegas de Baco é que aproveitava o dia.
Marcial com o calvo Febo à mesa não sentava,
-- chi mangia con l'ucello è un porcellone.
Ungido de arlequim, sob a égide do bufão que explodiu da coxa de Zeus,
Garibaldi vestiu túnica bacante em suas escaramuças.

O TREM ECOLÓGICO DE SOFIA

É um exercício poético andar no trenzinho barulhento
que atravessa o escuro da floresta
se arrastando entre os galhos.

Com ou sem a companhia do Rumen Stoyanov,
recordando Anderson Braga Horta
cuja estada em Sófia merece inscrição comemorativa,
a ser afixada na porta do quarto que ocupou no Hotel Moskva,
exercito-me a bordo desta relíquia ambulante,
museu de ferro rangendo feito serraria,
contorcendo-se feito um réptil sobre os trilhos enferrujados.

A melhor herança bolchevique
no inventário virtual da Bulgária...

Atravessando as ruas sombrias do bairro do Sol Nascente,
até as imediações do jardim de Petar Danov,
imagino que remotos subúrbios percorre este arcaico veículo.
Entre quiosques de flores e vitrines semi-apagadas,
recolho as imagens que se sucedem:

um bando de ciganos espreitando os restaurantes,
velhotes gastando o tempo na tabacaria,
um falastrão discursando no celular,
vendedores de jornal perseguindo os carros,
famintos assediando uma lata de lixo...

Enquanto o país convalesce da infecção comunista,
este objeto anacrônico tem sido minha inspiração,
esta máquina obsoleta me entrega um quinhão de humanidade:
o rádio do maquinista divulgando melodias nativas,
a lardeza com que a engrenagem se esgueira pelo bosque,
(longe das escabrosas nuvens que os carros espalham),
o estrondo das portas afugentando talvez os lobos...

Já me refugiei em parques e estações.
Hoje canto a vida da janela de um trem.
O cenário é precário mas é a dádiva do momento.

O BAZAR E AS ILHAS

Alá, aos brados, conclama as almas a adorá-lo.
Em plena mesquita, bermudas envoltas em saíotes,
os colegas deliram com a visão do bazar.

Aos mosaicos de Santa Sofia

preferem os brocados das prateleiras.
Os novos iconoclastas desprezam Constantino e o hipódromo.
Melhor as miudezas de ônix, as bolsas de couro,
os cristais e as chaleiras.
Investem contra bandejas de prata,
caixinhas com mandalas, toalhas de musselina,
azulejos com flores e peixes,
jarros com toda sorte de insígnias.
Discutem preços em todos os idiomas
e bebem chá de maçã,
ao ritmo de música sincopada.
Apalpam tecidos policromos, lenços-turbantes,
entre sapatos de arlequim e doces de pistache.
Luminárias, panos caleidoscópicos, xícaras alegóricas
refletidos em espelhos.
Em cada loja uma parada estratégica
(como os cachorros diante dos arbustos).
Quanto custa? Quanto dá? Qual o mínimo?
Depois do festival de objetos reluzentes
e da falação babélica,
a caminho das ilhas,
o taxista finge desconhecer a cidade
e nos desfalca em 10 milhões.
Vagamos da Europa à Ásia e vice-versa,
sem entender a gaguez do turco:
“Dolmabahce/Beylerbeyi”...
Em que continente nos encontrávamos?
Os colegas nem reparam na Torre de Gálata.
Estranham que a capital não seja Istambul,
mas algo como “Ankora”.
E quanto ao mar, que nome tem? Fósforo?
Nem percebem a lua no horizonte de Kinaliada...
Velejamos na esteira de espuma.
Na distância as miríades da costeira,
o luar de outubro acendem céu e mar.

FRAGRÂNCIAS DE SILÊNCIO

Tarde sonhada, ouro meu, enlevo a que me entrego,

navego na fruição da distância,
a quilha forjando a esteira de espuma,
álgidos hipocampos de cristalinas crinas.
Canto as bonanças do vasto céu
e a sinecura do dia.
Tarde sonhada, monastério sobre a laguna,
inebriou-me o vinho dos dias maduros.
Coração incensado de ondulações,
olhos matizados de azul,
mergulho na dimensão azul,
no profundo azul do mistério.
Canto as gestas do vasto céu,
as incrustações do porto aos pés da penedia,
o abismo enredado na planície,
o murmúrio da imensidão.
Sorvo as anforas transbordantes, áugures perfumes.
Sabem a sândalo as águas flamejantes.
Como os barcos esperam pelos argonautas,
espero a dádiva das ondinas.
Meu sonho sobrevoa o flagelo das escarpas,
os prodígios do tempo, calma do mais puro incenso.
O espírito veste a clâmide do encantamento.
Tassos, 7/4/99

3. O CANTAR DOS MAIORES

A MEDITATION ON THE HOPKINS' PRAYERS

“God takes more interest in our salvation than we ourselves”
Gerard Manley Hopkins

Our prayer won't be lost in desert ways.
In high flood the adored King makes mercy in all of us,
mercy that outrides the all of water.
Let us sail to the bay of his blessing.
Our ransom and rescue,
the hand that wrought the glories of the earth,
Master of all the tides, his world-wielding shoulder,
King of this lighted Hall,

giver of breath and bread,
broods with bright wings over wood and thorp,
like beams of spring, all things rising with delight,
wind wandering over the growing green.
And over the infinite abysses from which we gaze,
we hope to hear his voice of truth,
his sovereignty that heeds and bodes
to give us that sense beyond,
until He broods, until our grain lie, sheer and clear.
Patience shall dispel the doubt and lead us,
child-like without fear, no horror of hoary-glow height.
Patience that plumes to Peace,
thereafter and brings the rapture of inspiration.
Let us wait until morn eternal breaks.
The heart rears wings.
No steep, neither whirlwind nor wrecked pangs,
but relief and comfort let us hope from God's smile.
Let us, dovewinged heart, flash from the grace to the grace.
Roped with a vein of the Christ's gift,
Father and fowler of heart, the heaven-flung,
the stroke that stars and storms deliver,
the river where the faithful waiver,
let Him enter in us.
The Windhover who comes from the center of the rainbow,
his gliding flaming out.
Should hear the word the heart breeds,
should He send our roots rain.

À SOMBRA DE ELIOT

Perplexo entre neblina e fuligem,
olhando os refúgios murmurantes da tarde,
lâmpadas que se evaporam na extinção do dia,
lufadas redemoinhando folhas crestadas,
cruzo avenidas noturnas
escrevendo rapsódias de penitência.
Haverá tempo para que a fumaça amarela se esgueire nas ruas
e para que centenas de indecisões povoem a mente de Prufroek,
anestesiado de melancolia?
O cabelo se esboroando,
a vida medida em colheres de café,

romântico anacrônico, andando a esmo, ao crepúsculo,
por estreitas ruas,
expectando a neblina que se espalma contra o céu.
Cheio de pasmo diante da beleza,
a mente embaçada como as janelas dos apartamentos subterrâneos,
nômade nas linhas do underground enquanto a tarde adormece,
cruzo avenidas de penitencia,
escrevendo rapsódias noturnas.
Os nervos projetados numa tela de spleen,
sórdidas imagens vasculantes contra o teto,
luz tremulando nas cortinas,
a alma se esvanece como o céu atrás dos edifícios.
Na fantasia das imagens leio os prelúdios,
vagando pelas estações:
de Euston a Bond Street via Charing Cross,
mulheres adornando o ladrilho do tubo,
Waste Land --- pedra e metal,
flores escarlates, as rosas fanadas da guirlanda da vida.
Pela Central Line vou a Tottenham Court Road,
pela Northern Line
chego ao espaço cinematográfico da Leicester Square,
os cintilantes chamarizes e o cheiro dos restaurantes,
as livrarias da Charing Cross, confusão de carro e gente
no cruzamento com a Shaftesbury Avenue,
farmácias cheias de elixires (talvez de Taiwan, de Calcutá...).

A poesia está viva nas ruas, em cada rosto,
em cada imagem translúcida,
nas meias-frases captadas em trânsito,
em tudo quanto vem, como a Invisível Luz,
para os prazeres intelectuais dos sentidos.

LEMBRANÇA DE WILLIAM BUTLER YEATS

Na relvosa estrada a rosa do mundo,
a musa de olhar de águia,
ainda lhe treme o coração.
Também a que o fez trabalhar em êxtase...
Em devaneio visito a ilha de Innisfree,
a paz que goteja dos véus da aurora,
no poente com pintarroxos e o marulho do lago.
Alma peregrina no céu do crepúsculo,

vejo os cisnes amorosos na correnteza,
os cisnes misteriosos na água erradia.

Nos bosques de Coole
perplexo e arrebatado de expectativas,
andei em sua companhia e vi retratos sem alento,
a imagem de Philip Sidney,
o que amava as velhas árvores rachadas pela tempestade,
o que saudava as aves, as pontes
e a torre a margem da corrente.

A sofrer do amor a crueza...

Maud Gone, o seu olhar de verão selvagem sob o céu gelado.
A Páscoa de 1916, o nascimento da terrível beleza,
corações encantados em pedra.

No Lago de Coole vi os cisnes na expectativa do definitivo vôo.
Ouvi em sonhos o poeta lamentar o mundo
sem espaço para os sábios.

Caminhava ouvindo os gritos da ventania,
pedia que um fantasma forte lhe defendesse
o adorado Michael,
imaginando o advento inexorável,
a esfinge de olhar impiedoso.

Também foi guardado pelo amor humano
aquele que tudo formou do nada
e ensinou as estrelas a cantar.

Que fazer com a decrepitude atada a si?

Foi-se um tempo de maior encanto?

Tudo retornará nos giros imortais.

Enquanto sobre a torre o vento chora,
a espuma da corrente escurece a pedra clara...

VIAJANDO COM DYLAN THOMAS

Murmurando entre as árvores adentramos a película da primavera.

Os ramos pendiam como pálpebras,

Fogo verde, a relva nos campos jubilosos.

Falou-me da força que move a água entre as rochas
e dirige a flor aos clarões da chuva.

Mostrou-me a fonte sorvendo luz da montanha,

as águas do coração expandindo marés,

o vórtice marinho pulsando no ciclone da asa solar.

Murmuramos entre as árvores para não despertar as gralhas.

Disse-me que há sementes de sal nas estações da respiração.
Que os homens terão estrelas e se levantarão do mar outra vez.
Afortunado pelo revoar das gaivotas,
falou-me da água que serpenteia na sombra,
do rumor do mar que viaja sob a terra.
Da intérmina noite a cair sobre a ferida do mundo.
O mistério canta na água e nos canoros pássaros.
O tempo queima e gira,
acende a espiral da manhã.
(Sua voz ardia nas mãos do sol).
Um falcão em chamas, suspenso nas nuvens,
centelhava estrelas em todo grão.
Vertiginosas suspiravam as janelas do poente.
Disse-me que o tempo o deixara brilhar
na misericórdia dos seus meandros.
Aurora inerte, luz nos pensamentos aromatizados.
Falou-me da primeira visão que incendiou os astros,
dos pássaros e aladas árvores que voaram seu nome sobre as fazendas.
Menino, viu-se ao lado da mãe através das parábolas da luz solar,
lendas de verdes capelas, jardins em altas fábulas.
A alegria da criança de outrora cantou, ardendo ao sol.
Crianças fossemos saltaríamos sobre os ramos
para surpreender as inefáveis estrelas.
Mas entendi que sua voz era o rastro do vento,
vinha nas cadeias do mar,
no turbulento silêncio de Deus.
Entendi que os homens tem estrelas,
que se levantarão do mar
e que a morte não terá domínio.

W.H.AUDEN DIANTE DA NATUREZA

É preciso pedir a boa fortuna da deusa dos ventos:
harmonia no gramado e no lago.
Um mundo de sombra se ouve no som da água.
É preciso pedir a mais antiga das alegrias,
perscrutar nas árvores a alma do país,
ver o nível da sociedade pelo estado dos bosques.
Uma floresta vale mais que toda cultura.
E que os ventos propiciem os ritos verbais.
Os escroques, de cenho franzido,

cepam margaridas,escalando montanhas,
inconscientes do que tal gesto representa.
Melhor a companhia de um menino pastor de cabras,
longe da invenção burguesa e seu estilo bisbilhoteiro.
A atmosfera lacustre sugere que os ministros de exterior
deveriam reunir-se as proximidades de algum lado.
Melhor a fantasia de imaginar uma ilha ao avesso,
onde ninguém ousasse incomodar um poeta...
Não as planícies monótonas, mas uma costa desolada
para o repouso dos últimos dias.
Nada como o movimento da água,
a perfeita música que traz do longe o ausente
e fala de outro mundo e suscita sonhos iluminados.
A voz da água faz desejar esplendores a raça humana,
lugares santos aos homens.
A visão clara da natureza desperta sede de vida eterna,
(tema sobre o qual a maioria,
por distração ou acomodação, declina de falar).

EN SINTONIA CON JORGE GUILLEN

Desde el corazón de España,
aire dulce de la luna,
fragancias después de la lluvia,
quisiera tener palabras para alabar los jardines.
Un prodigio de vida me complace,
oleaje de aventura que avanza,
alegría de rumor que abarca la tarde.
Visionario del espacio ante las cumbres,
las iluminaciones me alumbran.
Paseo con apogeos de música,
mansa luz de diamantinos días,
agua que tiembla en remanso,
cielo de concordia,
quisiera tener palabras para alabar los jardines.
Son claras las calles bajo el impulso estival,
un aleteo azul emerge albor en relumbre:
ser en plenitud como el árbol que susurra,
las ramas palpitando.
Como el riachuelo que se abalanza
mientras se alargan las tardes,

el que se dispone a la luz se entrega a su efusión,
triumfa con el sol naciente,
como quien espera la primavera.
Voz de fábula, secretos de estancia,
promesas de la mañana.
La claridad nos escoge,
pájaros pueblan el vacío.
El poeta anuncia el minuto eterno,
respira vergeles de realidad.
Un ruiseñor canta en la cima del ansia,
lo ajeno es un aroma que se regala.
Respiramos la dádiva que conduce a la dicha de las maravillas.
Quisiera tener palabras para alabar los jardines.
Alegría de contactar con la perspectiva humana,
afirmación de un anelo fraterno:
alma madrileña, fundir sentimientos en armonía.
Quisiera tener palabras para alabar los jardines.

RECUERDO DE BRUNO SAENZ ANDRADE

Viajero entre los instantes de la rosa,
tu sendero busca el extremo del mundo,
entre hojas húmedas y sombras.
Caminas por la ciudad alzada en la montaña,
buscas a otras latitudes del océano,
consejas de los ángeles al viento.
De las voces extintas queda el aire arrebatado,
caminas en calzadas de olvido,
mientras la niebla lava la ciudad,
suscitando momentos que la memoria murmura,
niebla que vela los cristales,
luna por encima de las arboledas.
Con tu risa que iluminan estrellas
distingues la sombra del día
y por las aguas serenas
dialogas con el alma de las rosas.
Florecen recuerdos en las ramas floridas.
Tormentas azotan las crestas de los Andes,
antorcha y briznas de fuego.
Cumbres que languidecen quebrantos luminosos.
Estás sólo por querer, estás entre montaña y laberinto,

eres todo senda y mar abierto, tienes ansias del pan del Cielo.
Deseas hallar a los que se alejaron.
Conocer la mañana de resurrección,
“la hoguera piadosa de la altura”.
Caminas por la ciudad alzada en la montaña,
la compañía de Franz Joseph en las mañanas,
la familia, casa abierta y rosal,
la esfera engalanada de verdura.
Tus manos soportan el vacío,
transportan el tiempo suspendido,
tiempo que se derrama del vaso.
La ciudad se precipita en la hondonada,
la corola de las soledades clava pétalos y espinas en la carne.

CARVALHO, O TELÚRICO

“Sou uma pedra ressuscitada pelos relâmpagos”
Francisco Carvalho

A poesia se nutre de arcanos e metafísicas noturnas.
Mas as palavras são gumes de punhais.
A sazaio da vida nao é árvore de utopia.
É a palpitação do ventre da mulher,
o odor do celeiro onde as espigas ardem.
A árvore da origem brota caules de sangue
e a fome vergasta como açoitado.
Há homens despedaçados pelos caminhos,
crucificados pela injustiça.
Seu quinhão de pobreza é um pântano de cinza
em estradas de calvário.
O alaúde do poeta uiva como as hordas do deserto.
A árvore é uma catedral suspensa na eternidade
e o poeta celebra a solidão dos sinos.
Há pássaros imersos na concha da noite.
Há léguas de orvalho na volúpia dos rios.
ressoam harpas de líquidas cordas.
O poeta peregrina pelos estuários,
tece os novelos dos regatos, pastoreia os cardumes.
Celebra a chuva que esvoaça nos beirais
e a lavoura do tempo.
Alimenta-se nos trigais como as andorinhas.

A sinuosa anca da musa é um arroio,
em cuja seara brota a relva dos mitos.
Mas quando sopra o terral dos estigmas
e o esqueleto das vacas ruma a ventania,
o seu cântico acende o fulgor da terra
e um jorro de fogo lava as pedras do arrebol.

ANDANÇAS E MARINHAGENS,
REBUSCAS E REENCONTROS
DE LINHARES FILHO

Em rebuscas e reencontros, andanças e marinhagens,
perscrutei do poeta as reminiscências e as paisagens.
As manhãs frias junto ao Reno,
acalantos e consolos do Tejo sereno.
Recolhi tristezas de Pessanha no jogral
que põe candeia de poesia em seu portal.
O semblante agreste do Torga,
a poesia, os esplendores que o dia outorga,
as venturas do ar praiano
e a saudade da pátria, que quase o fez insano.
Humaníssimo canto de amor ao universo
e as deleitações às vésperas do regresso.
Viajei nos altos mares intemporais,
carpindo medos de intempéries -- vendavais,
mas louvando as fontes da luz -- mananciais
que a alma descobre qual ventura,
na asa do vento, lenitivo e formosura,
vi pétalas exalando ternura.
Vislumbrei o bardo a clamar, o dedo em riste,
pela paz ansiada em mundo incerto,
vi o beijo de Beethoven consagrando Liza
e em uníssono, cantei sem descanso,
sonhando roteiros numa cadeira de balanço.
Vi a face dos amigos como em lendas.
Moreira Campos e Girão em outras sendas
e outros bardos alma transida
cantando o bem-querer e a dor da vida:
Pessoa -- e seu aniversário de tristezas,
a poesia suavizando-lhe asperezas,
Drummond em aérea fazenda,

o coração nas mãos como oferenda.
O arco-íris do afa por sobre as ilhas,
o poeta Linhares, paternal, louvando as filhas,
dando-lhes bençãos como flores de ternura,
dos deveres de extremoso pai jamais descura
e desvelos tece como um manto
que o guarda na noite do desencanto.
Sonhando flamboyants e tamarindos,
bálsamos às angústias que vai carpindo,
à busca de venturoso itinerário.
Desafiando pélagos e o mundo corsário,
aqui e além, no transporte do sonho se faz dois
e quer transformar o antes no depois.
E nos indeléveis ideais sua alma adeja,
bebendo aromas na aragem sertaneja.
Com insólitas imagens e viagens,
herdeiro da linhagem dos pajens,
eis do Linhares o porto, o navio, o caminho:
o seu claro verso qual tessitura de linho.

A GEORGE HARRISON

Já te sonhaste marginal, deportado de Hamburgo,
e depois Lord na Abbey Road?
Já te sonhaste menestrel nas tardes de Penny Lane
e com três atrevidos Fab fumar ganja no banheiro da rainha?
Sonhaste sobrevoar strawberry fields
no périplo da consagração?
Arcanjo do apocalipse, anarquista da volúpia,
dar cambalhotas sobre a solenidade do império,
cantando within you without you,
something, here comes the sun e outras fábulas?
Choraste, all those years ago,
quando calou-se a voz que exorcizava os transe de Armagedom.
Já não abomina os vilões da Wall Street
o menino de luxuriant sideburns que te admitiu no Quarry Man.
Triste sina a de um príncipe trucidado por um psicopata.
Estrçalhou-se o coração da Gueixa
que entendia the "little child inside one man".
Era tempo de spread wings and fly.
Cantamos com o mago irreverente, watching the wheels,

watching shadows on the wall,
(just watch the river flow, as you told)
and playing mind games forever,
raising the spirit of peace and love.
Quis ele fazer dos poetas working class heroes
e com ele clamaste contra "the old fools who are governing us".
Mostraste o ridículo dos líderes agindo como big girls.
Nas desoladas noites cantamos nobody loves you when you're down.
Perplexoa diante dos insólitos dias
em que everybodys flying, no one leaves the ground.
Ficou a ressonância de Love is all you need,
in love our problems disappear.
Para além dos pardieiros do mundo,
num trânsito de sensações,
vozes de seda ressoam adagas de luz,
para além de Hard days's night.
Com o que se sonhava prócer da fortuna,
black bird das cavernas da Mathew Street,
enfeitiçavas o mulheril da Baker Street
e fumaste cachimbos de paz,
doing things they said were impossible.
Love has the power to turn on the light,
afirmou, protestando contra a matança dos cordeiros,
Com ele viajaste touching all the girls with the eyes.
Fugitivos, cantamos Band on the run.
Iuminados, convictos de que "should the sand of time run out on,
up and down your carousel will go,
don't let it bring you down",
Mull of Kintyre, a imagem encantada, oh mist rolling in front the sea,
smiles in the sunshine and tears in the rain,
hinos de entusiasmo nortearam nossos passos
como o trôpego itinerário de tantos adolescentes.
Nos consolamos com willow, hold on tight.
Agora já sem o Anjo da Guarda que sempre o acompanhou,
time will heal the wounds?
Recordas que, de terno branco e barba por fazer,
the king of broken hearts,
fluía no Yellow Submarine.
It's all in the name of love, afirmava no apogeu da fraternidade,
cantando a preciosa ajuda dos amigos,
after all these years, in a heart beat,
perplexo, cheirando as rosas dos parques.

Jamais sonhaste, oráculo do Vedanta,
em pastoral contemplação, dizer aos quatro gnomos
all things must pass
e ensinar o mundo a cantar com os citaredos?
O assombro de tua slide guitar, extra texture,
chora nos corações, bálsamo de êxtase.
Quem nao viajou, tired of midnight blue,
nesse sky cleared up, day turned to bright,
que vislumbraste nos shrubs of the Firar Park.
All it's got to take is some warmth to blow away,
esses votos e esse sonho que não envelhece,
quem não imagina wake up to the love that flows on?
Conquanto vistas um disfarce de eremita de Henley,
o mundo testemunhou a indulgência tua com o velho Prabhupada
e com os sofrendores de Bangladesh,
quando, olhos tristes, Ravi Shankar valeu-se dos teus préstimos.
Imagino how blissed out escreveste Here comes the Moon,
dazzled by the colours of the Pacific sunset.
Despertas ainda the mystical one,
happier then a willow tree by a stream,
respirando the breath of life itself?
Traveling wilbury, conheces ainda unkown delight,
e tens ainda a convicção de que
since our problems have been our own creation,
they also can be all overcome?

PROFILS DES CHARMANTES PERSONALITES

1. Lettre à M. Le Huissier

M. Le Huissier protège les étrangers.
Quoiqu'il soit un peu fier,
il aime les gens de toute la terre:
avec ses mains jamais sales
il prie à S. François de Salles.
M. Huissier est venu m'interwiever,
il m'a pris des photos et deux pages de mots.
Il m'a vraiment franc parlé,
mais jamais n'a publié l'aperçu de son intérêt.
A-t-il perdu le précieux dossier?

Ou s'est-il figé? Le Huissier,
toi qui ne manques jamais la messe,
à quoi bon se meler avec la presse
et oublier tes promesses?
Tu m'as envoyé tes meilleurs voeux,
mais à quoi peut bien servir ton aveu?
Alors j'ai dû te remettre ce récit en guise de lettre:

“Ni francs ni vandales,
Ni les royaumes des très mâles...
Pepin, quoique bref, c'est très indigeste.
Ni Charlemagne ni magnésie.
Ni la geste des chansons.
Ce sont tous des coeurs de lions,
on ne les écoute qu'hurler,
tels que M. Le Huissier.
Allez manger votre fois gras,
la bas au très bas, ou les loups prennent leur repas.
Et bon appétit. Savourez votre “bonne part”,
vautour de Gascogne, prenez votre charogne,
puis restez au Panthéon des bouffons.
Pour parler “franc”, rien ne manque:
si je n'ai plus intérêt à recevoir "franc parler",
je vous le renvoie votre oiseau de proie.
À bien tard et au revoir.

2. Hommage à l'idéal de Mme Reduts (grande amie des pays pauvres)

Mme Reduts a l'idéal des Scouts.
Elle habite où chante le poulet,
elle est devenue gaie à cause de ses voyages "amazoniques".
Elles sont vraiment comiques ses prétentions écologiques.
Entre le songe et le singe elle devient un peu étrange.
Se croit-elle un ange quand elle se montre à la télé?
ou bien la reine de la beauté?
Une Pompadour, une Sevigné?
De beauté ou de bonté,
elle a ses invités qui s'affolent de ses idées.
Alors, dans son coin de ténèbres,
elle s'imagine célèbre,
car elle a réalisé son plus beau rêve:
glisser aux flot d'un fleuve

dans le bateau-mouche d'un humble matelot.
Adam, ne cherche pas ton Eve,
tu la trouveras à Genève!
La-bas elle aura pour effigie
Aphrodite Callipygie?